

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos de Linguagens

Catiane de Oliveira Rocha

**AS CARTAS E AS FOTOGRAFIAS EM *AS INSEPARÁVEIS*, DE SIMONE
DE BEAUVOIR**

Belo Horizonte

2025

Catiane de Oliveira Rocha

**AS CARTAS E AS FOTOGRAFIAS EM AS *INSEPARÁVEIS*, DE SIMONE DE
BEAUVOIR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET- MG), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Estudos de Linguagens.

Área de concentração: Tecnologias
Processos Discursivos

Linha de pesquisa: I - Literatura, Cultura e
Tecnologia

Orientadora: Profa. Dra. Mirian Sousa
Alves

**Belo Horizonte
2025**

Rocha, Catiane de Oliveira.
R672c As cartas e as fotografias em *As inseparáveis*, de Simone de Beauvoir / Catiane de Oliveira Rocha. – 2025.
70 f. : il.
Orientadora: Mirian Sousa Alves.

Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Belo Horizonte, 2025.
Bibliografia.

1. Alteridade. 2. Autobiografia. 3. Cartas. 4. Fotografias. 5. Luto. I. Alves, Mirian Sousa. II. Título.

CDD: 809.93592



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 9 / 2025 - POSLING (11.52.09)

Nº do Protocolo: 23062.011716/2025-70

Belo Horizonte-MG, 27 de fevereiro de 2025.

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE APRESENTAÇÃO E DEFESA DE DISSERTAÇÃO PARA
OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRA EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

No dia 24 de fevereiro de 2025, às 14h00, em ambiente virtual, reuniu-se a Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG, constituída pelos membros: Prof.^a Dr.^a Mirian Sousa Alves (Orientadora) (CEFET-MG), Prof.^a Dr.^a Cristiane Felipe Ribeiro de Araújo Côrtes (CEFET-MG) e Prof. Dr. Luiz Carlos Gonçalves Lopes (CEFET-MG); para examinar o trabalho da mestranda **CATIANE DE OLIVEIRA ROCHA**, sob o título: "AS CARTAS E AS FOTOGRAFIAS EM AS INSEPARÁVEIS DE SIMONE BEAUVOIR". A Prof.^a Dr.^a Mirian Souza Alves, Presidenta da sessão pública de apresentação e defesa de dissertação de mestrado, declarou aberta a sessão, passando a palavra à mestranda **CATIANE DE OLIVEIRA ROCHA**, para que expusesse sua dissertação. Terminada a exposição, a Presidenta passou a palavra para a Banca Examinadora, que iniciou a arguição. Em seguida, reuniu-se a Banca Examinadora para deliberação. Ao retornar, a Presidenta deu conhecimento à candidata de que sua dissertação foi **aprovada** e que, no prazo de 60 dias, deverá incluir as sugestões da Banca. Nada mais havendo a tratar, a Presidenta declarou encerrada a sessão. Para constar, foi lavrada esta ata, que será assinada pela Presidenta e pelos demais membros da Banca Examinadora.

(Assinado digitalmente em 28/02/2025 16:40)
CRISTIANE FELIPE RIBEIRO DE ARAUJO CORTES
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
DFGNP (11.62.03)
Matrícula: 1809096

(Assinado digitalmente em 05/03/2025 16:55)
LUIZ CARLOS GONCALVES LOPES
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
DELTEC (11.55.08)
Matrícula: 2798080

(Assinado digitalmente em 10/03/2025 10:28)
MIRIAN SOUSA ALVES
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
DELTEC (11.55.08)
Matrícula: 1994720

Visualize o documento original em <https://sig.cefetmg.br/public/documentos/index.jsp>
informando seu número: 9, ano: 2025, tipo: ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO, data de
emissão: 27/02/2025 e o código de verificação: 69de848b5d

Dedico este trabalho aos meus filhos: Pedro Arthur de Sousa Rocha e Miguel Augusto de Sousa Rocha (em memória) e Richard Augusto de Sousa Rocha. Amores eternos!

AGRADECIMENTOS

Sou grata a mim pela força de vontade em persistir na realização dos meus sonhos, apesar de tudo.

Sou grata aos meus filhos, que acompanharam a minha luta diária e acreditaram em mim.

Às minhas irmãs, Kátia, Zama e Fá, pelo apoio e compreensão. À minha mãe, por ter nos incentivado a estudar, independentemente do que acontecesse.

Ao meu amigo William, que conheci no curso de Letras do CEFET-MG. Você acreditou no meu sonho de cursar o mestrado, meu revisor querido.

Agradeço à minha orientadora, a Professora Dra. Mirian Sousa Alves; sem sua sensibilidade, empatia e paciência, eu não teria chegado até aqui. Agradeço aos membros da banca de defesa: Professora Dra. Cláudia Maia, Professor Dr. Luiz Lopes, que foram meus professores na Letras, e à Professora Dra. Cristiane Côrtes. Agradeço ao Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais pela oportunidade e à CAPES por ter financiado minha pesquisa.

À Professora Dra. Maria do Rosário, serei eternamente grata por suas aulas de Literatura de autoria feminina. Foi assim que aprendi a amar o que faço. Obrigada por me presentear com o primeiro livro que li de Beauvoir.

Agradeço à secretária do POSLING por sempre me atender prontamente todas as vezes que precisei. Muito obrigada, Karen.

Sou grata a todas as mulheres que, de alguma forma, cruzaram meu caminho e me fizeram perceber meu lugar no mundo. Às minhas ancestrais, obrigada por resistirem!

RESUMO

Objetiva-se analisar as cartas e as fotografias no livro *As inseparáveis*, um romance autobiográfico da autora Simone de Beauvoir, e como esses documentos se tornam fundamentais enquanto articuladores da alteridade. Para essa finalidade, utilizou-se a abordagem qualitativa, fundamentada na revisão bibliográfica de estudiosos e estudiosas como: Calado (2012), Kirkpatrick (2020), Kossoy (2007), Barthes (1984), Foucault (1992), Derrida (2008) e outros autores e autoras. O resultado obtido é a constatação de que a escrita autobiográfica de Beauvoir é uma relação de alteridade para construção de sua personalidade. Desse modo, a escrita de si é uma forma de dizer ao outro que está presente, assim como nas cartas e nas fotografias.

Palavras-chave: Alteridade. Autobiografia. Cartas. Fotografias. Luto.

ABSTRACT

This study aims to analyze the letters and photographs in the book **Les Inseparáveis**, an autobiographical novel by Simone de Beauvoir, and how these documents become fundamental as articulators of alterity. To this end, a qualitative approach was used, based on a bibliographic review of scholars such as Calado (2012), Kirkpatrick (2020), Kossoy (2007), Barthes (1984), Foucault (1992), Derrida (2008), and others. The result obtained is the finding that Beauvoir's autobiographical writing is a relationship of alterity for the construction of her personality. Thus, writing about oneself is a way of telling the other that one is present, just as in the letters and photographs.

Keywords: Otherness. Autobiography. Letters. Photographs. Grief.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. LINGUAGEM E ALTERIDADE.....	15
1.1 A escrita de Beauvoir e a construção da alteridade.....	15
1.2 Das memórias da infância às descobertas da força da idade.....	23
1.3 Feminismo e alteridade.....	35
2. O AMOR MANIFESTO EM CARTAS E FOTOGRAFIAS: UMA ANÁLISE DE AS INSEPARÁVEIS.....	42
2.1 As cartas como articuladores da alteridade.....	42
2.2 As fotografias como articuladores da alteridade.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS.....	66
APÊNDICE.....	70

INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas, as publicações não-filosóficas da autora Simone de Beauvoir têm se tornado uma fonte inesgotável para pesquisadores e pesquisadoras. Além de sua tão renomada obra *O segundo sexo*, a autora publicou romances, ensaios, teatro, memórias, correspondências e novelas. Entre os principais títulos que compõem a produção literária da escritora, podemos citar *A convidada* (1943), *O sangue dos outros* (1945), *Todos os homens são mortais* (1946), *Os mandarins* (1954), *As belas imagens* (1966), *A mulher desiludida* (1968), *Quando o espiritual domina* (1979), *Memórias de uma moça bem comportada* (1958), *A força da idade* (1960), *A força das coisas* (1963), *Uma morte muito suave* (1964), *Balanço final* (1972) e *A cerimônia do adeus* (1981). A publicação inédita do romance, *As inseparáveis* (2022), trouxe a oportunidade de redescobrir a complexidade do pensamento de Beauvoir à luz de mecanismos que contribuem para a pesquisa da memória e da alteridade no universo feminino, temas que compõem essa narrativa.

À vista disso, nasce a pesquisa acerca da análise das cartas e das fotografias em "As inseparáveis" (2022), de Simone de Beauvoir, um romance autobiográfico que aborda a história de duas amigas que se conheceram na escola católica Adeline Désir, na França. O manuscrito redigido em 1954 discorre sobre uma época em que o pensamento filosófico e feminista de Simone de Beauvoir já se encontrava desenvolvido, sendo elaborado cinco anos após a maior obra filosófica da autora, *O Segundo Sexo* (1949). Esta dissertação visa compreender de que forma os documentos iconográficos (cartas e fotografias) são fundamentais enquanto articuladores da alteridade no livro *As inseparáveis*, de Simone de Beauvoir. O objetivo é analisar, nas cartas e nas fotografias presentes no livro *As inseparáveis*, de que forma esses documentos se tornam fundamentais enquanto articuladores da alteridade. Além disso, essa dissertação investiga a escrita autobiográfica na obra de Beauvoir e busca conhecer como a criação dos laços afetivos entre as personagens foi construída por meio das cartas que permeiam o romance.

O livro *As inseparáveis* teve sua primeira edição publicada em 2020, na França, e em 2021, no Brasil, com a tradução de Ivone Benedetti. A obra é

composta por doze fotografias: entre elas, imagens que retratam as famílias e os lugares onde as personagens passavam as férias, e oito cartas que Simone e Zaza trocaram nos períodos em que estiveram distantes, registrando as memórias dessa vivência entre as personagens Andrée (Elizabeth Lacoïn, apelido Zaza) e Sylvie (Simone de Beauvoir). Dentre os retratos que foram anexados à obra, estão as fotografias da família de Elizabeth Lacoïn (1923), na cidade de Haubardin, a fachada da casa de Gagnepan (1927) e uma foto de Beauvoir em 1915, ainda criança, pouco tempo antes de conhecer Zaza. *As inseparáveis* (2022) é uma obra póstuma da autora Simone de Beauvoir, que faleceu em 1986, um tributo dedicado à sua amiga Zaza. Entretanto, o prefácio dessa obra foi escrito por sua filha adotiva, Sylvie Le Bon de Beauvoir, que descreve os momentos mais relevantes do livro e da vida da autora. Ele é dividido em dois capítulos juntamente com os documentos iconográficos que registram a história desde a infância de Beauvoir e Zaza, até a morte precoce de uma das amigas aos 21 anos. O título do livro foi escolhido por Sylvie Le Bon de Beauvoir, como explica a autora do prefácio e organizadora da obra:

As duas disputam o primeiro lugar, tornam-se inseparáveis. Não que Simone não viva feliz em família; entre a jovem mãe querida, o pai admirado e uma irmã caçula muito apegada. Mas o que acontece à menina de 10 anos é a primeira aventura do coração: seu sentimento por Zaza é apaixonado, ela a venera, teme desagradá-la. (SYLVIE, 2022, p.5).

Ademais, a obra foi traduzida para diversos idiomas. *Les Inseparables* é o nome do romance lançado na França, um testemunho de uma amizade que a autora Simone de Beauvoir (1906-1986), filósofa, escritora e feminista, viveu por muitos anos. Nessa autobiografia, Beauvoir retoma a história de sua relação com a melhor amiga, Elisabeth Lacoïn (1907-1929), mais conhecida como Zaza no livro *Les Mémoires d'une Jeune Fille Rangée*. Enquanto Andrée tinha uma vida mais agitada, sendo responsável pelos cuidados tanto dos irmãos quanto da casa, sobrecarregada com os afazeres domésticos e sem tempo para o lazer, sua família era “católica fervorosa”. Sylvie, por sua vez, era uma menina que, apesar da época em que vivia, não sofria tantas cobranças por parte da família e possuía mais tempo livre. Todavia, ela não se conformava com a forma como os pais de Andrée a tratavam. No prefácio, há uma dedicatória que Simone faz para sua amiga:

a Zaza

Se esta noite tenho lágrimas nos olhos, será porque você está morta ou porque estou viva? Eu deveria lhe dedicar esta história, mas sei que você já não está em lugar nenhum, e é por artifício literário que lhe falo aqui. Aliás, isto não é realmente a sua história, mas apenas uma história inspirada em nós. Você não era Andrée, eu não sou esta Sylvie que fala em meu nome. (BEAUVOIR, 2022, p.15).

Nesse cenário, a pesquisa tem como objetivo analisar as cartas e as fotografias do livro *As Inseparáveis* (2022), a fim de perceber de que forma os documentos atuam como articuladores da alteridade. Calado (2012), ao dissertar sobre a autobiografia de Beauvoir, retrata a importância de suas relações, tanto com familiares quanto com amigos, algo memorável na escrita da autora, pois essas relações eram, de fato, relevantes para ela.

A relação com o outro se mostra como um dos principais parâmetros no processo de construção da identidade de cada sujeito. Se, de fato, a alteridade é um componente importante para compreender a condição humana em geral, este conceito adquire uma relevância especial quando se trata de Simone de Beauvoir. (CALADO, 2012, p.128).

Sobretudo, a vida e obra de Beauvoir é permeada pelo discurso da alteridade, principalmente no livro *O Segundo Sexo I - Fatos e Mitos* (1970), o qual elucida como o comportamento feminino é determinado pelas normas de uma sociedade paternalista e como isso impacta de maneira cruel na construção da identidade da mulher. Felden, (2021, p.45) afirma que “O sujeito feminino enquanto o Outro, não é encarado como uma alteridade positiva; aos olhos dos homens, a mulher não passa de uma serviçal que mendiga pela sua própria vida ao lado de seu marido”. O patriarcado é fortemente opressor e sua força se perpetua ao longo da história humana.

A HISTÓRIA mostrou-nos que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como Outro. Esta condição servia os interesses dos homens, mas convinha também a suas pretensões ontológicas e morais. Desde que o sujeito busque afirmar-se, o Outro, que o limita e nega, é- lhe entretanto necessário: ele só se atinge através dessa realidade que ele não é. Por isso, a vida do homem nunca é plenitude e repouso, ela é carência e movimento, é luta. Diante de si, o homem encontra a Natureza; tem possibilidade de dominá-la e tenta apropriar-se dela. Mas ela não pode satisfazê-lo. Ou ela só se realiza como uma

oposição puramente abstrata e é então obstáculo e permanece alheia, ou se dobra passivamente ao desejo do homem e deixa-se assimilar por ele; ele só a possui consumindo-a, isto é, destruindo-a. Nesses dois casos, ele continua só; está só quando toca uma pedra, só quando digere um fruto. Só há presença do outro se o outro é ele próprio presente a si; isso significa que a verdadeira alteridade é a de uma consciência separada da minha, idêntica a ela. É a existência dos outros homens que tira o homem de sua imanência e lhe permite realizar a verdade de seu ser, realizar-se como transcendência, como fuga para o objeto, como projeto. Mas essa liberdade alheia, que confirma minha liberdade, entra também em conflito com ela: é a tragédia da consciência infeliz; toda consciência aspira a colocar-se como sujeito soberano. Toda consciência tenta realizar-se reduzindo a outra à escravidão. (BEAUVOIR, 1970, p.179- 180).

Além disso, a narrativa acontece em meio à Primeira Guerra Mundial; a vida dos moradores da França circulava em torno da guerra. Todavia, em meio à desordem daquele momento, a rotina da família seguia seu fluxo. No primeiro capítulo da obra “As inseparáveis” (2022), a autora descreve que “naquela manhã”, Sylvie “estava agitadaíssima”; as aulas haviam retornado, e ela “tinha pressa” de retornar ao colégio e sentir o “silêncio dos corredores”. A mãe de Sylvie preparava as filhas para irem à escola: “Nós três usávamos mantô azul-horizonte, feito com verdadeiro tecido oficial do exército e com o corte exato dos capotes militares” (Beauvoir, 2022, p.18). Segundo Fernochi (2021), as roupas dessa época passaram a refletir o momento, com as influências dos uniformes dos soldados. Era uma forma de homenageá-los, pois estavam lutando nas trincheiras francesas:

A militarização se fez presente nas linhas mais estruturadas, nas aplicações nas blusas, botões e bolsos que não costumavam aparecer nas roupas femininas e nos próprios chapéus que ganharam ares de boina militar em algumas coleções. (p.29).

Ao saírem do prédio a caminho da escola, a narradora descreve que passaram tristes diante do café *La Rotonde*, local que seu pai chamava de reduto de derrotistas: pessoas que acreditavam na derrota da França. Decerto, as duas meninas com apenas nove anos de idade começam a descobrir um sentimento mútuo e verdadeiro. Nasce ali uma amizade que perdura por anos entre duas garotas com características distintas: Sylvie Lepage era mais tradicional e tímida, e Andrée Gallard espontânea, divertida e ousada. Dessa forma, Beauvoir utiliza a ficção para contar a relevância que a amizade teve na sua infância, por meio das memórias afetivas, e essa tentativa é feita quatro vezes em outras obras como: *Memórias de uma moça bem-comportada*, em 1958; *Quando o espiritual*

domina, em 1980; e *Os Mandarins*, o qual rendeu-lhe o prêmio Goncourt, em 1954. Porém, esse feito é realizado de forma completa no livro “*As inseparáveis*” (2022). Calado descreve a escrita de si como:

Narrativa do eu, autorreferencial, íntima, subjetiva, pessoal, autobiográfica, são algumas das denominações para a prática da escrita da produção de si. Seu principal objeto de investigação, ou até mesmo de especulação, é o “eu”, o próprio sujeito que narra, que realiza este registro, a partir de um princípio de sinceridade. Quando se escreve sobre si e esta escrita é compartilhada, está implícita a crença na importância da socialização de determinada experiência individual. (CALADO, 2012, p.30).

Dessa forma, ao escrever sobre si, na autobiografia, assim como nas cartas, Beauvoir traz à memória as vivências de uma época em que era comum as famílias escreverem sua rotina diária e enviarem essas cartas para familiares e amigos, registrando, além dos acontecimentos, a época em que viveram. Foucault (1992, p.149- 150), afirma que a carta possui uma função relevante nas relações humanas. É por meio dela que “cada um se manifesta a si próprio e aos outros”. Também é uma forma de se fazer presente quando o outro está distante. O autor enfatiza que existe uma presença na escrita de uma carta que dificilmente existirá em outros meios de comunicação - “é a presença imediata e quase física”.

Consoante as cartas, é possível afirmar que a fotografia também exerce uma presença “quase física”. Kossoy (2007, p.20) afirma que “através da fotografia dialogamos com o passado, somos os interlocutores das memórias silenciosas que elas mantêm em suspenso”. É possível notar traços semelhantes entre as fotografias e as cartas, pois ambas são capazes de remeter-nos às lembranças de alguém que partiu; ambos, com o tempo, podem desaparecer do papel, mas continuam perpetuando os laços com as pessoas que convivemos. No entanto, o estudo das cartas e das fotografias no livro *As inseparáveis*, da autora Simone de Beauvoir, é, da mesma forma, uma pesquisa sobre a vida da autora, pois as cartas trocadas por Beauvoir com sua amiga de infância Elizabeth Lacoin, mais os documentos iconográficos anexados ao romance autobiográfico, oferecem ao leitor diversos dados sobre a vida da escritora. A autobiografia, segundo Lejeune (2008, p.104), “se inscreve no campo do conhecimento histórico (desejo de saber e compreender) e no campo da ação (promessa de oferecer essa verdade aos

outros), tanto quanto no campo da criação artística”.

Entretanto, ao trocarem cartas, Andrée (Elizabeth Lacoïn) e Sylvie (Simone de Beauvoir) não descrevem apenas suas adversidades - elas se faziam presentes mesmo estando distantes e, apesar dos momentos conflitantes com a família, a amizade entre elas resistia. A análise das cartas que compõem a obra nos permite inferir que o sentimento que Sylvie nutria por Andrée aumentava a cada dia, como mostra o trecho abaixo.

Todas as crianças que eu conhecia me entediavam; mas Andrée me fazia rir, quando passeávamos entre as classes no pátio de recreio; ela imitava com perfeição os gestos bruscos da senhorita Dubois, a voz untuosa da senhorita Vendroux, a diretora; por intermédio da irmã mais velha, ficara sabendo de vários segredinhos da casa; aquelas professoras eram afiliadas a ordem dos jesuítas, usavam risca no cabelo de lado enquanto eram apenas noviças e risca no meio depois que pronunciavam os votos. (BEAUVOIR, 2022, p.23).

Assim sendo, a dissertação visa investigar em que circunstâncias as cartas eram escritas, em quais momentos da vida da autora ela as trocava com sua amiga, o que se passava naquela fase de suas vidas e como se relacionavam com suas famílias naquela época. A partir desses registros, nasce a necessidade de trabalhar com as cartas, por se tratarem de manuscritos que revelam traços da escritora, descrevendo detalhes importantes de sua rotina.

Além das obras mencionadas, outra fonte bibliográfica selecionada pela pesquisa foi *Simone de Beauvoir - a biografia* (2021), de Huguette Bouchardeau, *Simone de Beauvoir, uma vida* (2020), de Kate Kirkpatrick, que narra as vivências de Beauvoir e sua influência na vida das mulheres, e a obra *A subjetividade e o outro - ética da responsabilidade em Emmanuel Levinas* (2015), de Luciane Martins, que discorre sobre as formas de alteridade humana com um olhar voltado para o feminino. Essencialmente, escrever sobre Beauvoir é lembrar que ela foi uma mulher que lutou pelos direitos das mulheres e no capítulo um descrevemos o feminismo e a alteridade com destaque para autoras como Duarte (2003,) que enfatiza a luta feminina por seus direitos durante décadas e Caubet (1985) que disserta sobre o pensamento feminista de Beauvoir que antes mesmo de pensar em si, a autora pensou em outras mulheres e em seus modos de vida e Buarque de Hollanda (2018) que traz a discussão sobre como a sociedade excluem as

mulheres de espaços de decisão. Além disso, tem-se os artigos que serão utilizados para descrever a influência do existencialismo na vida de Beauvoir e como isso, de algum modo, muda sua forma de ver e viver a vida na sociedade burguesa do século XX. Para análise das cartas e das fotografias, que será desenvolvida no segundo capítulo, autores como Roland Barthes (1984, p.13), no texto *A câmara clara*, em que o autor cita “o que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente”; e Natalia Brizuela, com o texto *Depois da fotografia: uma literatura fora de si*, no qual a autora pontua a fotografia como “veículo do deslocamento”. E, por último, o texto *A pequena história da fotografia*, de Walter Benjamin, que versa sobre o poder da fotografia: “É característico que o debate tenha se concentrado na estética da ‘fotografia como arte’, ao passo que poucos se interessam, por exemplo, pelo fato bem mais evidente da ‘arte como fotografia’”.

Este trabalho está estruturado em dois capítulos. O primeiro capítulo faz um levantamento das obras autobiográficas de Beauvoir, as quais retratam a vida da autora desde a infância até a fase adulta. As fontes bibliográficas catalogadas para construção desse capítulo relatam os acontecimentos inesquecíveis vivenciados por Beauvoir, desde as amizades da autora, que influenciaram seu posicionamento filosófico e feminista, até a sua velhice. As memórias registradas em seus livros serão percorridas nesse capítulo, reforçando a singularidade dessa autora que revolucionou a literatura com seu antagonismo em meio a uma sociedade conservadora. No segundo capítulo, serão analisadas as oito cartas e as doze fotografias do livro *As inseparáveis* (2022), e a relevância desses documentos enquanto articuladores da alteridade, na escrita de Beauvoir. Serão abordadas, nesse capítulo, questões que demonstram como o universo feminino e o existencialismo pautaram a vida de Beauvoir e como a autora faz esse retrato da perda de sentido da vida das mulheres numa sociedade que as impede de existir para si próprias.

As considerações finais evidenciarão o resultado da investigação, sobretudo, a escrita autobiográfica de Simone de Beauvoir como registro de suas memórias. As cartas e as fotografias revelam a sensibilidade de uma autora que ousou viver e questionar os acontecimentos da vida, não apenas aceitar ou entender, mas contestar a forma como a sociedade percebe o outro.

1. LINGUAGEM E ALTERIDADE

1.1 A escrita de Beauvoir e a construção da alteridade

Ao analisar os termos utilizados pela sociedade para designar humanidade, observa-se que a palavra homem pode ser usada tanto para o masculino quanto para a humanidade como um todo. Porém, o termo mulher é utilizado para representar a mulher, mas não a humanidade por completo. Desse modo, Beauvoir afirma que o homem sempre será o sujeito, enquanto a mulher será alteridade. Nesse contexto, o primeiro capítulo deste trabalho explana sobre a escrita de Simone de Beauvoir, sua biografia e autobiografias que narram a história de uma mulher que construiu sua trajetória lutando pela liberdade feminina. Desde a sua infância até a velhice, com um acervo precioso, repleto de memórias que perpetuam até os dias de hoje.

Beauvoir escreveu diários, cartas, romances, ensaios e entrevistas retratando os conflitos, os medos e as inquietações tanto das mulheres daquela época quanto das jovens da atualidade. Dessa forma, esse primeiro capítulo apresenta a defesa de Beauvoir sobre a independência financeira das mulheres proporcionada pelo trabalho, tendo a China como referência de país que obteve sucesso com mulheres trabalhadoras, pois elas tinham o suporte do Estado:

[...] ela afirma, sobretudo não existem conflitos, para as trabalhadoras chinesas, entre a vida privada, a família e a existência profissional. Simplesmente porque o Estado precisa da colaboração delas e coloca a sua disposição as instituições necessárias. Enfim, o trabalho delas se insere em “um grande empreendimento coletivo”. (BOUCHARDEAU, 2021, p.201).

As inseparáveis (2022) é uma obra autobiográfica escrita por Simone de Beauvoir em 1954 e lançada em 2020, por Sylvie Le Bon Beauvoir, herdeira de Beauvoir. Nesse romance, a autora traz as memórias de uma vida, suas crenças, uma escrita de si, sua forma de ser no mundo. Sylvie (Simone de Beauvoir) e Andrée (Zaza) são as protagonistas desse romance que é narrado em primeira pessoa pela personagem Sylvie, que conta como era o cotidiano de suas famílias na França do século XX.

Andrée, filha de família rica, sucumbe às obrigações sociais – como ajudar a mãe a cuidar das irmãs, receber visitas ilustres em jantares enfadonhos, ver sua paixão pelo violino acabrunhar-se pelo tempo dedicado à família e à alta sociedade parisiense, ser impedida de se relacionar amorosamente com Pascal, pertencente a uma classe mais baixa que a sua, e, por fim, de manter sua amizade com Sylvie –, sendo, ao fim, internada em um sanatório onde morre aos 21 anos. (ANDRADE, 2022, p.6).

Segundo Molon e Vianna (2012, p.148), “a linguagem é a expressão de um em relação ao outro num determinado momento histórico de uma sociedade, situado e, assim, marcado na temporalidade como um evento único e irrepetível”. Para os autores, a linguagem é uma atividade que, justamente por só existir em relação ao outro, objetiva-se na realidade concreta compartilhada entre o eu e o outro. Por meio da linguagem, busca-se compreender a alteridade, tema que será estudado neste trabalho, em que a personagem principal Sylvie, do livro *As inseparáveis* (2022), entende as angústias de sua amiga e, por diversos momentos, sente o sofrimento de Zaza, mas nada pode fazer para amenizá-lo.

Eu detestava aquele braceletezinho de escrava. Quando líamos na biblioteca sob a tranquila luz das lâmpadas verdes, quando tomávamos chá na rua Soufflot, quando andávamos pelas aleias do Jardim de Luxemburgo, Andrée de repente lançava um olhar ao relógio e fugia em pânico: “Estou atrasada! “Sempre tinha outra coisa para fazer: a mãe a sobrecarregava de tarefas de que ela se desincumbia com um zelo de penitente; teimava em adorar a mãe e, se estava resignada a desobedecer-lhe em certos pontos, era porque a isso tinha sido obrigada. (BEAUVOIR, 2022, p.72).

À vista disso, a autora Simone de Beauvoir traz, em sua obra *As inseparáveis* (2022), relatos a respeito de uma amizade que tornou duas amigas inseparáveis, mesmo depois de uma delas ter partido de forma dolorosa. A autora demonstra, por meio dessa narrativa, a relevância da alteridade, mediante o uso das cartas e das fotografias, as quais marcaram essa história inesquecível. Uma amizade que nasce ainda na infância e vai se fortalecendo na juventude, quando cada uma vive a vida separadamente, mas trocam cartas a fim de manter os laços. Para Foucault (1993, p.151), “escrever é, pois, 'mostrar-se', dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro”. Beauvoir “mostrou-se” ao escrever sobre a situação em que sua amiga se encontrava, dedicando-lhe um livro de memórias.

Ora, não há escândalo pior para Simone de Beauvoir, e é isso que a novela quer mostrar, um escândalo que pode ser qualificado de filosófico, pois atenta contra a condição humana. A afirmação do valor absoluto da subjetividade permanecerá no cerne do seu pensamento e de sua obra, não do indivíduo, simples número em relação a uma amostra, mas da individualidade única que faz de cada um de nós “o mais insubstituível dos seres”, segundo expressão de Gide; a existência dessa consciência, aqui e agora. “Amem aquilo que nunca se verá duas vezes”. (SYLVIE, 2022, p.10).

Por consequência, *As inseparáveis* (2022) é um romance autobiográfico em que a autora registra os momentos vividos com a sua melhor amiga. Além das cartas, Beauvoir anexou fotografias que rememoram os dias em que ambas passaram juntas. Segundo Kossoy (2007, p.47), “toda fotografia tem atrás de si uma história. [...] Toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente”. Consoante ao autor, quando se compreende o papel da fotografia, sua capacidade de emocionar e transformar, entende-se como são feitas as lembranças de um tempo em que a história foi fixada de forma decisiva, assim como as palavras. Desse modo, a respeito do autor se colocar por escrito em uma narrativa autobiográfica, Lejeune declara:

O fato de a identidade individual, na escrita como na vida, passar pela narrativa não significa de modo algum que ela seja uma ficção. Ao me colocar por escrito, apenas prolongo aquele trabalho de criação de identidade narrativa [...] É claro que, ao tentar me ver melhor, continuo me criando, passo a limpo os rascunhos de minha identidade, e se esse movimento vai provisoriamente estilizá-los ou simplificá-los. (LEJEUNE, 2008, p.104).

Destarte, o livro *As inseparáveis* foi escrito em 1954 pela autora francesa Simone de Beauvoir, cinco anos após a publicação de *O segundo sexo*, obra responsável pelo reconhecimento de Beauvoir como autora renomada em diversos países. Lançado na França, em 2020, com o nome *Les inséparables*, e no Brasil, em 2021, o romance narra a história de duas amigas, Sylvie (Simone de Beauvoir) e Andrée (Elisabeth Lacoïn, Zaza), que se conheceram ainda na infância, mas passam por muitos desafios para manter a amizade. Um deles é o fato de a família de Zaza não ver a amizade dela com Beauvoir com bons olhos.

Nesta novela, o papel de Sylvie, a Amiga, consiste apenas em nos fazer entender Andrée. Como bem ressaltou Éliane Lecarme-Tabone, poucas lembranças suas aparecem, nada se sabe de sua vida, de sua luta pessoal, da sua história agitada, de sua emancipação e, sobretudo,

do antagonismo fundamental entre intelectuais e conservadores[...] Apesar disso, compreende-se porque ela é mal vista no meio de Andrée, sendo mal e mal tolerada. (SYLVIE, 2022, p.13).

Decerto, ao ler as obras biográficas de Beauvoir, é compreensível a forma como Sylvie tratava Andrée, uma mulher que respeitava o posicionamento do outro e sentia suas dores. Nas fotografias do livro *As inseparáveis*, percebe-se a proximidade que ela tinha com Zaza, uma amiga que sempre estava por perto, que trocava confidências, uma pessoa em quem confiava, mas não aceitava o lugar de subserviência em que a amiga se encontrava, a ponto de anular-se para agradar a família. Observa-se também que a autora se posicionava contra as injustiças, principalmente quando envolviam valores morais relacionados à família e à religião, esses valores repressivos que culpabilizam quem “não tem forças para contestar uma autoridade sagrada e amada, cuja punição aniquila” (p.11).

Zaza amou apaixonadamente a mãe, com um amor ciumento, infeliz. Seu arroubo colidia com certa frieza desta, cuja segunda filha se sentia afogada na massa da irmandade, uma entre outros. [...] O caminho traçado para as moças leva ao casamento ou ao convento, elas não podem decidir sua sorte segundo seus gostos e seus sentimentos. Cabe à família arranjar as reuniões, organizando “entrevistas”, selecionando os candidatos segundo seus interesses ideológicos, religiosos, mundanos, financeiros. (SYLVIE, 2022, p.10).

Sem dúvida, Beauvoir sentiu o peso que a religiosidade atrelada a uma família “moralista” fazia com sua amiga.

para ela, a fé não é, como para muitos, uma complacente instrumentalização de Deus, um meio de se legitimar, de se justificar e fugir de suas responsabilidades, mas sim o questionamento doloroso de um Deus silencioso, obscuro, um Deus oculto (p.12).

A partir das experiências que lhe causaram dor e sofrimento, Beauvoir foi construindo suas relações de amizade. Uma dessas amizades precisou ser desfeita após sete anos, com Albert Camus, devido à publicação de um livro, *O homem revoltado*, em que declarara “posições morais, filosóficas e políticas opostas às dos sartrianos”.

Antes de este ser publicado, um dia em que Sartre e Beauvoir

estavam num café da Praça Saint-Sulpice, Camus entrou e falou-lhes do *O homem revoltado*, convencido de que o livro lhes agradava. Eles ficaram muito constrangidos para confessar-lhe o que pensavam: era um amigo tão antigo e durante longo tempo o haviam admirado muito. [...] Beauvoir lastimava também essa amizade que durara sete anos, mas eles estavam, de agora em diante, muito afastado uns dos outros; ela achava que Camus não tinha razão ao imputar a natureza à infelicidade dos homens; para Beauvoir, esta era um fato de cultura e ela acreditava na possibilidade de mudar a sociedade pelo socialismo. (FRANCIS, 1986, p.362,363).

Por conseguinte, ao rememorar as amizades de Beauvoir, vale a pena mencionar Sylvie Le Bon de Beauvoir, que ouviu falar da autora no colégio e Rennes, cidade francesa na região da Bretanha. Sylvie Le Bon era uma leitora assídua de Beauvoir, e resolveu escrevê-la. Beauvoir tinha o hábito de responder às suas leitoras, e enviou-lhe uma carta pedindo que Sylvie a encontrasse em um café em Paris. Esse foi o início de uma grande amizade de Sylvie com a autora, com direito a muitas viagens e compartilhamentos de vida. Além disso, coincidentemente, a personagem principal do livro tem o mesmo nome dessa amiga, que, mais tarde, torna-se sua filha adotiva.

Como tantas outras estudantes, Sylvie certo dia pediu para encontrar Simone. Vinha de uma abastada família de Rennes, recebera educação católica que, - apesar das diferenças de geração - não foi, sem dúvida, muito diferente da recebida por Simone. No momento do encontro com Beauvoir, ela é estudante de *hypokhâgne* e também escolherá o estudo de filosofia, depois de integrar a *École Normale Supérieure de Sèvres* e se destinar ao professorado, se preparando para *agrégation*. (BOUCHARDEAU, 2021, p.260).

Segundo a revista *Marie Claire* (2023), após o falecimento de Beauvoir em 1986, Sylvie encontrou os manuscritos da autora com algumas cartas e fotografias que Beauvoir trocou com sua amiga de infância, Sylvie, e, então, resolveu publicar essas memórias, a fim de manter viva as lembranças de uma amizade intensa que sobreviveu aos dias mais sombrios da autora. De acordo com a *Marie Claire* (2003), a entrevistada declara que, "a partir de 1975, Simone começou a me preparar, dizendo que tinha guardado tal coisa em determinado armário, o que deveria ser feito com ela, etc. Ela me fazia confidências e eu conhecia tudo de sua obra [...]". Alguns anos depois, Sylvie Le Bon de Beauvoir, filha adotiva de Beauvoir, se torna responsável pelo legado literário da autora e pelo prefácio da

obra póstuma, publicada, pela primeira vez, em 2021, no Brasil, pela editora Record, intitulada *As inseparáveis*.

Nos anos seguintes a esse café em 1960, Simone introduziu a garota ao círculo de amigos que ela chamava de “família”, como Olga Kosakiewicz e Jacques-Laurent Bost, além de seu parceiro intelectual Jean-Paul Sartre. “Nos encontrávamos em grupo, sozinhas e muitas vezes somente ela, Sartre e eu. Eles eram divertidos e estimulantes. Ao lado deles, tinha a impressão de que tudo era possível. Todas as ideias eram aceitas e eles sabiam escutar”, descreve Sylvie. (SILVA, 2023).

Conforme Kirkpatrick (2020), devido a uma pneumonia, Beauvoir precisou se internar, no Hospital Cochin, por um mês. Sylvie Le bon ficou o máximo que pôde com ela, e quando precisava lecionar, intercalava com outros amigos da autora para fazer-lhe companhia. “Assim que teve alta do hospital, em maio de 1980, os médicos lhe disseram para parar de tomar Valium e beber, e fazer massagem e fisioterapia a fim de ajudar seu corpo a se recuperar” (p.345). Todavia, Beauvoir gostaria que os problemas de saúde fossem tratados diretamente com Sylvie, mas a lei francesa exigia que apenas sua irmã Hélène, que era sua guardiã e herdeira, poderia tomar tais decisões.

Beauvoir não queria se mudar para a Alsácia e morar com Hélène e Lionel, e não teria sido prático para eles largarem tudo e ir a Paris cuidar dela. Então Beauvoir decidiu perguntar a Sylvie se poderia adotá-la legalmente. [...] Sylvie aceitou, e mais tarde escreveu que seu relacionamento com Beauvoir era de uma “intimidade única e incomparável”. Durante uma entrevista, Beauvoir disse que havia tido sorte por ter um relacionamento perfeito com um homem e com uma mulher. (KIRKPATRICK, 2020, p.345, 346).

Segundo Bouchardeau (2021), Beauvoir era uma mulher livre, se interessava por literatura, música, política, e tudo se tornava objeto de prazer e de estudo. Seu círculo de amigos a incitava a olhar a realidade de frente e Jean-Paul Sartre era um desses, com quem mantinha uma relação de igual para igual. Contudo, ao descrever na obra *As inseparáveis* sua rotina na escola onde estudava com sua amiga de infância, Beauvoir afirma que ela e Andrée eram chamadas de “as duas inseparáveis”, porque Andrée sempre a preferia às outras colegas.

Ao lado de Simone de Beauvoir, então com nove anos, aluna da escola católica Adeline Désir, senta-se uma menina de cabelos escuros e

curtos. Elizabeth Lacoin, apelido Zaza, alguns dias mais velha que ela. Espontânea, divertida, ousada, ela contrasta com o conformismo ambiente. [...] Sua inteligência viva e seus múltiplos talentos seduzem Simone; ela a admira, está subjugada. As duas disputam o primeiro lugar, tornam-se inseparáveis. (SYLVIE, 2022, p.5).

Além disso, essa vivência foi de grande importância para Beauvoir, pois a autora dedicou esta obra à sua amiga, como uma forma de manter sempre viva suas memórias. A autobiografia póstuma publicada em 2021 possui relatos de uma bela amizade que terminou com a trágica morte de Andrée. Segundo Sylvie (2022, p.7), “É na novela que entra em cena pela primeira vez o tema da grande amizade. [...]” Ao lado de Andrée, encarnação romanesca de Zaza, mantém-se uma narradora que diz ‘eu’, sua amiga Sylvie. Nas vezes anteriores em que tentou escrever sobre Zaza, a autora não conseguiu colocar com exatidão o que aconteceu com a amiga:

Quatro vezes, em diversas transposições – em romances inéditos da juventude, em sua coletânea Quando o espiritual domina, num trecho suprimido do romance Os mandarins, que lhe valeu o prêmio Goncourt em 1954 -, a escritora tentou em vão ressuscitar Zaza. Repete a tentativa no mesmo ano, com uma longa novela que ficou sem título e permaneceu inédita até hoje, aqui publicada. Essa derradeira transposição ficcional a deixa insatisfeita, mas, por um atalho essencial, leva-a a conversão literária decisiva. Em 1958, ela integra seu texto autobiográfico a história da vida e da morte de Zaza: são as *Memórias de uma moça bem-comportada*. (SYLVIE, 2022, p.6).

Nesse cenário, Arfuch (2010) afirma que, em relação “a uma equivalência entre os gêneros autobiográficos e os considerados de ficção”, não são as narrativas atribuídas a personagens realmente existentes que possuem relevância, e sim a construção dessa narrativa. Dessa forma, a obra analisada, *As Inseparáveis* (2022), traz elementos que sugerem uma obra autobiográfica, como os documentos iconográficos anexados, ao mesmo tempo em que a autora trabalha com a ficção ao atribuir nomes fictícios aos personagens e lugares mencionados na narrativa. Em sua dedicatória, Beauvoir diz o seguinte:

Se esta noite tenho lágrimas nos olhos, será porque você está morta ou porque estou viva? Eu devia lhe dedicar esta história: mas sei que você já não está em lugar nenhum, e é por artifício literário que lhe falo aqui. Aliás, isto não é realmente a sua história, mas apenas uma história inspirada em nós. Você não era Andrée, eu não sou esta Sylvie que fala em meu nome. (BEAUVOIR, 2022, p.15).

Desse modo, entende-se que a dedicatória que Beauvoir faz para sua amiga é uma confissão de que a autobiografia é um “artifício literário”, ou seja, uma escrita criativa na qual a autora utiliza as cartas e as fotografias para compor a narrativa de duas amigas que vivenciaram muitos momentos felizes e outros infelizes também. Todavia, é comum que os autores utilizem nomes fictícios em suas obras autobiográficas a fim de proteger dados pessoais e manter a privacidade. Ao descrever a distinção entre “ficção” e “não ficção”, Arfuch (2010) declara que:

[...] não é tanto o conteúdo" do relato por si mesmo - a coleção de acontecimentos, momentos, atitudes -, mais precisamente as estratégias - ficcionais - de autorrepresentação o que importa. Não tanto a “verdade” do ocorrido, mas sua construção narrativa, os modelos de (se) nomear no relato, o vaivém da vivência ou da lembrança, o ponto do olhar, o que se deixa na sombra; em última instância, que história (qual delas) alguém conta de si mesmo ou de outro eu. E é essa qualidade autoreflexiva, esse caminho de narração, que será afinal de contas, significativa. (ARFUCH, 2010, p.73).

Por conseguinte, no livro *As Inseparáveis*, Beauvoir detalha muitos acontecimentos da família e das pessoas que faziam parte do círculo social em que vivia. As cartas que trocava com sua amiga, normalmente, tratavam de acontecimentos familiares, como a falta que Andrée sentia da amiga para passear pela cidade e vice-versa. Isto posto, a carta tornou-se uma forma de uma apresentar-se à outra, principalmente ao relatar o que acontecia ao longo dos dias em que estavam distantes - uma escrita de si, “uma certa maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros”, conforme afirma Foucault:

A carta faz o escritor presente àquele a quem dirige, e presente não apenas pelas informações que dá acerca da sua vida, das suas atividades, dos seus sucessos e fracassos, das suas venturas ou infortúnios; presença de uma espécie de presença imediata e quase física. (FOUCAULT, 1992, p.151).

Ademais, as cartas publicadas no livro estão datadas entre 15 de setembro de 1920 e 13 de novembro de 1929. Nesse período, Beauvoir e Zaza trocavam correspondências e, também, confidências. Inclusive, na carta de 3 de setembro de 1927, Zaza menciona que deu uma machadada no próprio pé para fugir das obrigações familiares. Em uma das cartas, escrita em 23 de junho de 1929, Beauvoir escreve para a amiga relatando o quanto se sentia feliz por ter a amizade de Andrée. A autora declara o quanto sente falta da amiga e que gostaria de

passar mais tempo com ela.

Querida Zaza,

Parece que você sentiu como eu, a que maravilhoso momento da nossa amizade chegamos nos últimos quinze dias, e na sexta-feira por exemplo, eu teria dado muitas coisas neste mundo para que o tempo se prolongasse indefinidamente entre nós e Rumpelmayer. (BEAUVOIR, 2022, p.1).

Assim, observa-se que a autobiografia é uma narrativa da vida do autor escrita pelo próprio autor. Todavia, por se tratar de uma obra póstuma, surgem alguns questionamentos: até que ponto o texto retratado oferece uma verdade absoluta a respeito dos manuscritos deixados por Simone de Beauvoir? Por que são utilizados nomes fictícios para se referir aos personagens? E por que o nome da filha adotiva de Beauvoir é o mesmo nome ficcional da personagem no livro *As Inseparáveis*? Para Lejeune (2014, p.63), “A autobiografia abre um grande espaço à fantasia e quem a escreve não é absolutamente obrigado a ser exato quanto aos fatos, como na Memórias, ou a dizer toda a verdade, como nas confissões”, razão pela qual o autor afirma que a autobiografia pode pertencer a sistemas diferentes:

O que chamo de autobiografia pode pertencer a dois sistemas diferentes: um sistema referencial “real” (em que o compromisso autobiográfico, mesmo passando pelo livro e pela escrita, tem valor de ato), e um sistema literário, no qual a escrita não tem pretensões à transparência, mas pode perfeitamente imitar, mobilizar as crenças do sistema. Muitos fenômenos de ambiguidade ou de mal entendido vêm dessa posição instável. (LEJEUNE, 2014, p.67).

Contudo, a respeito de alguns questionamentos, Lejeune (2014) enfatiza que, na escrita, todo discurso é assumido por alguém que coloca seu nome na capa do livro. Inscrito no texto, o nome é o ponto de contato entre autor e leitor. O autor é, então, um nome de pessoa, idêntico, que assume um conjunto de textos publicados. Dessa forma, para ser considerada uma autobiografia, “seria preciso haver identidade entre autor (nome na capa), narrador e personagem”.

1.2 Das memórias da infância às descobertas da força da idade

De acordo com a obra autobiográfica *Memórias de uma Moça Bem*

Comportada(2017), a autora Simone de Beauvoir nasceu em Paris em 9 de janeiro de 1908, em uma típica família burguesa da França. A educação de Simone Lucie Ernestine Marie Bertrand de Beauvoir foi conduzida de maneira bastante tradicional por pais extremamente católicos. Beauvoir (2017, p.14) relata: “Logo que aprendi a andar, minha mãe me levou à igreja; mostrou-me, em cera, em gesso, retratos do Menino Jesus, de Deus, da Virgem, dos anjos [...]”. Acerca de sua personalidade ainda na infância, a autora a descreve da seguinte forma:

Protegida, mimada, divertida com a incessante novidade das coisas, eu era uma menina muito alegre. No entanto, havia algo errado, pois crises furiosas jogavam-me ao chão, roxa e convulsa. Estou com três anos e meio, almoçamos no terraço ensolarado de um grande hotel - era em Divonne-les Bains; dão-me uma ameixa vermelha e começo a descascá-la: “Não”, diz mamãe, e eu caio no cimento berrando. (BEAUVOIR, 2017, p.16).

Aos cinco anos e meio, os pais de Beauvoir matricularam-na em um curso chamado Curso Desir. “Davam-nos notas segundo o nosso comportamento, notas que no fim da aula proclamávamos em voz alta”. Sentia prazer em estudar devido à vida monótona que levava, e seu pai a incentivava nos estudos, sempre observando seus progressos. A autora conta, em seu livro *As Inseparáveis*, que, certa vez, foi se confessar com o padre Dominique e percebeu que alguém havia feito “fofoca” para ele, dizendo que ela tinha se tornado desobediente. Dessa forma, ao saber que o padre tinha conhecimento disso, fugiu da capela sem fazer a penitência e resolveu cometer atos considerados “pecados” na época.

Fazia um monte de coisas proibidas: comia maçãs entre as refeições, pegava escondida os romances de Alexandre Dumas nas prateleiras superiores da estante; mantinha conversas instrutivas sobre o mistério do nascimento das crianças com a filha de um meeiro; à noite, na cama, inventava histórias loucas que me deixavam num estado muito louco. Certa noite, deitada num prado molhado, diante da lua, pensei: “São pecados!” Mesmo assim, estava firmemente decidida a continuar comendo, lendo, falando, sonhando como bem me desse na cabeça. “Não acredito em Deus!”, pensei. Como acreditar em Deus e escolher deliberadamente desobedecer-lhe? Fiquei atordoada por um momento com essa evidência: eu não acreditava. (BEAUVOIR, 2022, p.38,39).

Contudo, Beauvoir tinha uma boa convivência com sua família. Seu pai, o advogado Georges Bertrand de Beauvoir, demonstrava grande interesse pelas conquistas da filha: “Ninguém no meu meio era tão brilhante; ninguém lera tantos livros, ninguém sabia de cor tantos versos, ninguém discutia com tanto ardor.” (p. 28). Quanto à sua mãe, Françoise Brasseur, era de família burguesa e acreditava

que “a mulher deve obedecer ao homem [...]” (p.38-39). O conflito entre Beauvoir e sua mãe era algo a ser superado diariamente, pois a educação recebida por Françoise a fazia crer que a maternidade era algo digno de glória para uma mulher, e ela só se sentiria feliz se a filha seguisse o mesmo caminho. No entanto, Beauvoir tinha aspirações maiores:

Porque resolvi escrever? Na infância não levava muito a sério meus rabiscos; minha principal preocupação fora conhecer; gostava de redigir minhas composições, mas as professoras achavam afetado o meu estilo, eu não me julgava com talento. Entretanto, aos quinze anos escrevi no álbum de uma amiga as predileções e os projetos que deviam definir minha personalidade[...] A primeira razão provinha da admiração que me inspirava os escritores: meu pai colocava-os bem acima dos sábios, dos eruditos, dos professores. (BEAUVOIR, 2017, p.128-129).

Em virtude disso, a relação de Beauvoir com Helena, sua irmã, era de ensiná-la a ler, escrever e calcular: “Brigávamos, eu me irritava e jogávamos à cara uma da outra o supremo insulto: ‘Burra’! E depois reconciliávamos [...] somente ele reconhecia minha autoridade. Os adultos cediam às vezes; ela me obedecia.” (p.45). Elas eram cúmplices, Beauvoir a considerava sua criatura, afirmando, dessa forma, sua autonomia. Helena a acompanhava na colheita de cogumelos nos bosques de castanheiras: “só colhia os novos de cabo elegante e cuja cabeça se cobria de um veludo de cabeça-de-negro ou violáceo”.

Minha situação familiar lembrava a de meu pai; ele se encontrara mal instalado entre o ceticismo desenvolvido de meu avô e a seriedade burguesa de minha avó. No meu caso também, o individualismo de papai e sua ética profana contrastavam com a severa moral tradicionalista que mamãe ensinava. Esse desequilíbrio que me impelia à contestação explica em grande parte que eu tenha me tornado uma intelectual. (BEAUVOIR, 2017, p.42).

Ademais, no primeiro dia em que Beauvoir entrou na classe de primeira-quarta, conforme relata no livro *Memórias de uma moça bem-comportada* (2017), com aproximadamente dez anos, ela conhece a garota que seria sua melhor amiga, sua confidente, alguém que ocuparia boa parte do seu coração, Elizabeth Mabilie. Seus estudos, iniciados em casa, foram paralisados devido a um acidente que ela sofreu ao cozinhar batatas: “Com queimaduras de terceiro grau na coxa,

berrara noites a fio e ficara deitada um ano.” (p.83). Zaza, ainda criança, já havia experimentado as dores físicas de uma pessoa adulta; queimar-se aos dez anos de idade fazendo tarefas domésticas era cruel demais para qualquer ser humano. Apesar disso, Beauvoir não sabia ao certo o que sentia por Zaza, sabia apenas que ela era sua melhor amiga.

Não vi desde logo o lugar que essa amizade ocupava em minha vida; não era muito capaz do que em minha primeira infância de perceber o que se passava dentro de mim. Tinham-me habituado a confundir o que deve ser com o que é; eu não examinava o que se escondia sob a convenção das palavras. Estava entendida que tinha terna afeição pela minha família, inclusive meus primos afastados. [...] Os matizes de meus sentimentos e suas flutuações não tinham direito a existência. Zaza era minha melhor amiga; nada mais havia a dizer. (BEAUVOIR, 2017, p.85).

Entretanto, a transição da infância e adolescência de Beauvoir para a fase da juventude foi marcada por muitas descobertas. Uma delas foi a “perda da fé”: a fé, segundo ela, “é fruto do esquecimento de si mesmo e da desconfiança com relação à mera inteligência” (p.15). A autora preferia o pensamento crítico à aceitação submissa. Aos quatorze anos, ela descobre que é hora de abandonar as crenças limitantes e embarcar no mundo daqueles que indagam, e não dos que simplesmente aceitam sem questionar.

Está decidido, e o símbolo para ela é mais forte do que a realidade, não iria mais à missa. Mas o gosto por um ideal espiritual persistia; ela já coloca mais alto que tudo o valor do trabalho intelectual, o amor aos livros e a convicção de que se tornará “alguém”: no sentido da excelência no seu projeto de escrever, no sentido de reconhecimento que lhe valerá essa atividade. [...] ambicionava esse futuro e o preferiria a qualquer outro. (BOUCHARDEAU, 2021, p.31).

Em junho de 1927, Beauvoir foi aprovada para o diploma de filosofia geral. Fez amizade com Maurice Merleau-Ponty, e ambos tinham a mesma idade nessa época. Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) foi um filósofo francês associado ao existencialismo e à fenomenologia. Ele é conhecido por sua abordagem inovadora da percepção e da experiência corporal, bem como por sua contribuição para a filosofia da arte. Assim como Beauvoir, “Merleau-Ponty tinha horror às canções obscenas, às brincadeiras audaciosas, à brutalidade e ao deboche” (p.126).

Tornou-se amigo de Sartre quando se envolveu em uma confusão, e Sartre o tirou do meio dos arruaceiros.

Simone tinha apresentado Maurice Merleau-Ponty a Zaza e notara que uma discreta cumplicidade logo se estabelecera entre ambos[...] Zaza está na sala, corada de emoção. Para festejar o sucesso, Simone leva-os para lancha num bar, o Yvelines. Tornam a encontrar-se várias vezes para andar de barco no Bois de Boulogne. Maurice tem o olhar mais aveludado, Zaza só fala dele. É evidente que estão apaixonados. Simone sente-se feliz com a felicidade da amiga de infância, pensa que ela irá se casar segundo o seu coração e escapar à tirania da mãe. (FRANCIS, 1986, p.127 e 128).

Destarte, Beauvoir estava vivendo um momento feliz de sua vida, “tinha cada vez mais amigos, porém o mais importante era que tinha Maheu, Merleau-Ponty e Zaza” (Kirkpatrick, 2020, pág. 85). De acordo com Kirkpatrick, 2020, Beauvoir se tornou amiga íntima de Maheu (chamado “Herbaud” em suas memórias e pelo carinhoso apelido “Lama” em seus diários), na primavera de 1929, ele pertencia a um grupo de três jovens, Paul Nizan e o futuro filósofo Jean-Paul Sartre (1905-1980). Maheu deu a Beauvoir o apelido que ficaria com ela por toda sua vida, o apelido de castor: “como ela, os castores gostam de companhia e tem uma inclinação construtiva”. Desse modo, não se pode afirmar se houve de fato um relacionamento amoroso entre eles, contudo:

[...] Beauvoir descreveu o relacionamento deles com cautela-, mas certamente, quando conheceu Sartre, Maheu ocupava o lugar central em seus afetos. Quando refletiu sobre o tempo que passaram juntos, ela o descreveu como uma “alegria perfeita e inúmeros prazeres”, durante o qual aprendeu a “doçura de ser mulher”. (KIRKPATRICK, 2020, p.84).

Evidentemente, Sartre e Beauvoir demoraram bastante tempo para um ter encontro oficial, como estudavam na mesma faculdade, era comum trocarem olhares “em salas de aula, seminários e nos Jardins de Luxemburgo”(p.84). Segundo Kirkpatrick, 2020, p.87, “Sartre era um esnobe; tivera acesso à melhor educação que Paris podia oferecer a um homem e via os outros como inferiores e indignos”. Beauvoir o confrontou em uma entrevista em 1947 por causa dessa arrogância que ele carregava, e o lembrava que na época de estudante ele era

desdenhoso com os estudantes da Sorbonne. Nessa época Sartre tinha a pior reputação de todos os homens que compunham o grupo de estudos para o qual Beauvoir foi convidada por Maheu a participar. O encontro de Sartre e Beauvoir aconteceu no dia 8 de julho de 1929, quando ela chegou ao grupo de estudo.

As sessões de estudos ocorriam tanto na Cidade Universitária do boulevard Jourdan (onde Sartre tinha um quarto depois de expirado o seu prazo de bolsista na rua d'Ulm), quanto no escritório de Nizan, num apartamento dos pais de sua mulher, Henriette, na rua Vavin. A Simone de Beauvoir (dado o *diplôme* defendido com Brunschvicg), pediu-se que falasse do texto de Leibniz inscrito no programa. Ela gastou um dia ou dois e depois os outros temas foram expostos, com Sartre tomando na maior parte do tempo o comando das operações. (BOUCHARDEAU, 2021, P.50).

Em vista disso, Sartre foi um filósofo e escritor francês, um dos maiores representantes do pensamento existencialista na França. “O Ser e o Nada” foi o seu principal trabalho filosófico, no qual formulou seus pressupostos existencialistas. De acordo com Francis (1986, p. 151), “Sartre encontrara em Simone de Beauvoir uma companheira de jogo: comédias, paródias, apólogos, canções populares, cirandas, epigramas, madrigais, poemas relâmpagos, fábulas rápidas, eles eram inesgotáveis.” Para Beauvoir, Sartre compreendia-a à luz dos seus valores e de seus projetos, ele tinha interesse em saber da sua história e encorajava-a a escrever. Beauvoir escreveu em “Memórias de uma moça bem comportada” , 2017, alguns traços importantes que ela observava em Sartre:

Não se enraizaria em nenhum lugar, não se prenderia a nenhuma posse: não para se conservar inutilmente disponível, mas para testemunhar tudo. Todas as suas experiências deveriam ser úteis à sua obra e afastava categoricamente todas as que pudessem diminuí-la. Nesse ponto, discutíamos com ardor. Eu admirava, em teoria pelo menos, os grandes desregramentos, as vidas perigosas, os homens perdidos, os excessos de álcool, de drogas, de paixão. Sartre sustentava que, quando se tem alguma coisa a dizer, todo desperdício é criminoso. A obra de arte, a obra literária eram a seus olhos um fim absoluto; elas traziam em si sua razão de ser, a de seu criador, e talvez mesmo - não o dizia, mas eu suspeitava de que estivesse persuadido disso - a do universo inteiro. (BEAUVOIR, 2017, p.302).

À medida que Beauvoir trilhava novos caminhos, faculdade, amigos, profissão e tornava-se cada vez mais independente, a amiga Zaza vivia o drama da separação do seu amado Maurice. Seus pais exigiam que o casamento não fosse realizado, o que ocasionou uma tristeza profunda em Zaza e consequentemente, sua morte. Consoante a Derrida, 2008, p.23, “A morte do outro que morre me afeta na minha identidade de eu responsável[...] feita de indizível responsabilidade”. Derrida descreve exatamente a alteridade no luto, a forma como Beauvoir sentiu a morte da amiga “a distância infinita do outro”, nas palavras do autor “Essa responsabilidade pelo outro é estruturada como um-pelo-outro, até um ser refém do outro, refém em sua própria identidade de convocado insubstituível, antes de qualquer retorno sobre si”.

De um fôlego, recapitulei a vida de Andrée nos últimos cinco anos. O sofrimento da separação de Bernard, a decepção ao descobrir a verdade do mundo em que vivia, a luta contra a mãe para ter o direito de agir segundo seus sentimentos, segundo sua consciência; todas as suas vitórias estavam envenenadas pelo remorso e, no menor dos desejos, ela suspeitava haver um pecado. À medida que eu falava, vislumbrava abismos que Andrée nunca tinha me revelado, mas que algumas palavras suas tinham me levado a pressentir. (BEAUVOIR, 2022, p.117- 118).

Em *As inseparáveis*, Sylvie narra os momentos marcantes que viveu com Andrée, uma amiga engraçada que a fazia rir, quando imitando “com perfeição os gestos bruscos da senhorita Dubois e a voz untuosa da senhorita Vendroux, a diretora[...]”. Sylvie admirava a desenvoltura de sua amiga em sala de aula. Andrée era brilhante e preferia brincar e conversar com Sylvie do que com as outras colegas. “Eu andaria dois dias e duas noites sem comer nem beber para ver Andrée uma única hora, para lhe poupar alguma dor: e ela não sabe disso” (p.36). Sylvie vivia com muita liberdade, sua educação era pautada no respeito com o próximo, via em sua amiga alguém em quem podia contar suas confidências e era recíproco. Assim, a Filha adotiva de Beauvoir, Sylvie, narra no prefácio do livro *As inseparáveis*, as coisas que limitavam Andrée, do amor cego às tradições familiares, do amor não correspondido.

Cansada de uma família de irmãos e irmãs, primos, amigos, vasta parentela, devorada por tarefas, pela vida social, pelas visitas e pelos divertimentos coletivos, Zaza não tem um só momento para si mesma,

não lhe é concedido nenhum tempo privado, nem para o violino, nem para os estudos; o privilégio da solidão lhe é recusado. Por esse motivo, para ela os verões em Bethary são um inferno. Ela sufoca, anseia a tal ponto escapar daquela onipresença alheia - pensemos na mortificação semelhante imposta em certas ordens religiosas - que chega a cortar o próprio pé com um machado para escapar de uma incumbência especialmente odiosa. (SYLVIE, 2022, p.9).

Em meados de 1929, Beauvoir estava descobrindo universos diferentes do que ela havia experimentado desde então. Os meses de trabalho intenso na faculdade, e as vivências dos outros alunos a faziam refletir sobre as razões que ainda a faziam depender da família em alguns aspectos, principalmente financeiro. “Para provar a si mesma sua liberdade, Simone acreditou ter que forçar as portas de bares e de outros lugares suspeitos, confrontar as proibições, abusar da provocação.” (p.51). Era exatamente isso que a movia, esse interesse pela liberdade, porque até então eram coisas proibidas para ela que teve uma educação tradicionalista, e desafiar esses limites que carregavam o rótulo de proibido era prazeroso, como “a literatura, a música, a política”.

Simone era a primeira mulher a fazer um curso de filosofia com o sexo forte. Uma mulher álibi, dir-se-ia hoje, uma pioneira, então. Beauvoir conta com humor como um dos seus professores lhe predisse, com ar acabrunhado: ‘Você terá sucesso.’ Dizia-se então nos corredores da Sorbonne que uma mulher devia se apresentar para exames quatro ou cinco vezes antes de obter a *agrégation*. (FRANCIS, 1986, p.126,127).

Conforme Bouchardeau (2021, p.55), Beauvoir “encontrou em Sartre um igual a quem tudo confiar, um intelectual brilhante com quem dividir os gostos, um homem que a ama; têm, ambos, a mesma ambição na existência: se tornarem escritores - escritores célebres, é claro...”. Beauvoir admirava Sartre precisamente por suas características intelectuais, alguém com espírito sempre livre, nunca parava de pensar, “ele não perguntava a si mesmo o que se devia pensar, o que seria excitante ou inteligente pensar: mas apenas o que pensava” (p.52).

Numa noite de outubro de 1929, eles se sentaram num banco de pedra, nos jardins do Carrossel. Talvez Simone se mostrasse inquieta pelas alusões de Sartre a essa moça de Toulouse, Simone Jollivet, que ele evocava com entusiasmo. Talvez estivesse com dificuldade para convencê-la de sua teoria sobre os amores múltiplos e o amor excepcional. [...] ‘trata-se de um amor necessário: convém que conheçamos também amores contingentes’. (BOUCHARDEAU, 2021,

p.55,56)

Decerto, a dupla de casamento Sartre-Beauvoir se tornara uma das mais célebres no meio literário. Suas obras e suas vidas condiziam com aquilo que eles acreditavam, liberdade e respeito com o outro: “nunca seríamos estranhos um ao outro, nunca um de nós apelaria ao outro em vão, e nada prevaleceria sobre essa aliança” (p.56). Dessa forma, Beauvoir demonstra em suas obras autobiográficas relatos que permeavam sua alma, por meio de suas memórias, acontecimentos que marcaram sua trajetória como escritora e como mulher. Para Lejeune (2008), há na escrita autobiográfica, formas opostas que resultam no fantasma da verdade e essa verdade é contada nos livros sob a ótica de quem vivenciou os fatos.

Existem duas atitudes diametralmente opostas em relação à memória. Sabe-se que ela é uma construção imaginária, ainda que seja pelas escolhas que faz, sem falar de tudo o que inventa. Alguns optam por *observar* essa construção (fixar seus traços, refletir sobre a sua história, confrontá-la a outras fontes...). Outros decidem *continuá-la*. Alguns freiam, outros aceleram, e todos vislumbram como resultado desse gesto o fantasma da verdade. E, conseqüentemente, ambos estão convencidos de que os outros estão enganados. (LEJEUNE, 2008, p.105,106)

Por conseguinte, em 1931, Beauvoir começou a lecionar Filosofia no *Liceu Montgrand*, em Marselha, e, em 1933, no liceu Jeanne D'arc, em Rouen, onde ficaria mais próxima de Sartre que lecionava no Havre. Segundo o livro *A convidada* (1986), Beauvoir volta para Paris para dar aulas no liceu Molière e, posteriormente, no liceu Camille-Sée. Em outubro de 1938, a autora inicia seus escritos que se tornariam seu primeiro romance. Em 1943, Beauvoir publicou seu primeiro livro, o romance *A convidada*. A narrativa acontece entre 1938 e 1939, nos meses que precederam e que se seguiram à 2ª Guerra Mundial. Desse modo, a abertura de uma terceira pessoa forçava-os a descobrir o olhar sobre o Outro, tema que fascinava Beauvoir e Sartre que fizeram um “longo estudo sobre os motivos deste ato de desespero, sobre os amores múltiplos, sobre a fidelidade, sobre a atração sensível e sobre as misteriosas perturbações suficientemente fortes para levar ao suicídio dois seres livres para assumir seus atos.” Nele, a autora transpôs situações de sua vida para a ficção.

Isto foi para Beauvoir uma experiência violenta e penosa. Dividida

entre sua ternura por Olga e seu amor inabalável por Sartre, via-se presa num círculo infernal, sob um domínio misterioso, do qual não se livrará senão transpondo esta história para A convidada, e matando Olga no último capítulo do romance, que ela havia, de início, intitulado *Légitime défense* (Legítima defesa). (FRANCIS, 1986, p.216).

Entretanto, isso incomodava os amigos. Para Beauvoir, Olga significava uma expansão sentimental de Sartre, e ela não se sentia à vontade nesse caso, devido às proporções que estava tomando, mas Beauvoir precisava concordar com Sartre para enxergar Olga com os olhos dele. De acordo com Francis, 1986, “Beauvoir tinha só vinte e um anos, e Sartre, vinte e quatro, quando esta singular tentação de integrar uma moça a sua existência instigou a sua imaginação.” (p.212). A princípio, esta relação, baseada em trio, parecia caminhar perfeitamente para uma distribuição igualitária dos sentimentos, “um arranjo diabólico que proporcionava muita alegria”. Dessa forma, Beauvoir desenrolava uma trama a qual era composta por um triângulo amoroso que não se limitava apenas a escrita, mas que deveria fazer parte das experiências e da vida do sujeito.

O existencialismo retira o indivíduo do estado de inércia e comodismo diante das mais diversas situações, visto que, se estamos em determinada condição, é porque as nossas escolhas e atitudes nos levaram a tal. [...] Nesse sentido, esse pensamento existencialista pode ser aliado à obra ficcional em questão, uma vez que o papel social da mulher não deve ser compreendido através de dados biológicos e, sim, por elementos sociais e culturais que enquadram a mulher em uma atitude de imanência. (GUIMARÃES, 2017, p.190).

Consoante a Bouchardeau (2021), Beauvoir valia-se dos seus conhecimentos filosóficos para lecionar em sala de aula. Em sua função de professora, ela se esforça para não dar brecha a contatos com alunas, que lhe valeram no começo da carreira tantos aborrecimentos. No ano de 1941, Beauvoir perdeu seu pai, precisou ajudar a irmã a conseguir emprego e arriscou em algumas tarefas domésticas, coisa que ela não apreciava fazer. Entretanto, no dia 27 de novembro do mesmo ano, o reitor solicita à diretora da escola em que Beauvoir estava lecionando, que investigue a professora, o motivo “incitação à devassidão”.

A mãe de Nathalie, descontente com a vida que a filha levava e atribuindo sua conduta à influência de Beauvoir, acusa-a de desvio

de menores. A acusação era grave. Depois de doze anos de magistério, Beauvoir foi excluída da Universidade: não podia mais ensinar em lugar nenhum e não tinha mais salário. (FRANCIS, 1986, p.285).

As queixas contra Beauvoir ficaram cada vez mais constantes: são reclamações como “ela despreza toda disciplina moral e familiar”. A autora que sempre considerou que seu verdadeiro trabalho deveria ser de escritora, devido aos 12 anos de ensino, encontrava-se esgotada. Beauvoir marcou sua vida de escritora com o aparecimento do livro *A convidada*: “Ela existia, enfim, como escritora”. Em setembro de 1945, a autora lança o livro *O sangue dos outros*, que foi reeditado trinta e duas vezes em dois anos. Nesse livro, Beauvoir (1986, p. 306) “fala da resistência, da liberdade, da responsabilidade e da ‘maldição original que constitui para cada pessoa a sua coexistência com todas as outras’”. Em junho de 1949, é publicado o primeiro volume da obra *O segundo sexo*:

Segundo o *Paris Match*, Beauvoir propõe aos leitores e às leitoras “todos os problemas que caracterizam a inquietação da mulher moderna: liberdade de viver, aborto, prostituição, igualdade dos sexos, casamento e divórcio, parto sem dor, etc. A obtenção de igualdade política conseguida há quatro anos justifica que a eterna questão feminina seja tratada em termos modernos, por uma filosofia jovem, fria e lúcida. Ela põs em evidência os pontos banais dessa questão. (FRANCIS, 1986, p.355).

Ademais, o impacto da obra *O segundo Sexo* só será percebido na França mais tarde, quando os movimentos feministas americanos provocarem uma tomada de consciência feminista na França. O tempo foi o responsável por responder às críticas da obra considerada a precursora do movimento mundial da libertação feminina. Outra obra relevante para a pesquisa é *A força da idade*, publicada em novembro de 1960. Segundo Bouchardeau (2021, p.220), “entre seus 20 e 37 anos, ela contava com o vigor e reivindicava construir sua vida”; depois dos quarenta, ela precisava lidar com o “tempo e a velhice que se aproximava, as rupturas após os amores, os fardos e tempestades do mundo social e político”.

Ao relatar suas experiências de vida e seu olhar sobre a realidade no final dos anos 20, Beauvoir descreve a ilusão de plenitude que lhe parecia possível de ser vivida. Mas é pela descrição do tempo passado que a coragem de reter-se sobre a pauta de valores conquistados apenas ao longo da história pode se exhibir. A miragem das memórias é que torna presente o passado, mas o olhar da memorialista é o do presente da narrativa e não o do tempo vivido. No confronto temporal e

valorativo, uma obra filosófico- literária vai-se erguendo e abrindo caminhos para a compreensão da aventura humana. (SANTOS, 2010, p.111).

Em novembro de 1966, Beauvoir publica o livro *As belas imagens*, considerado um grande sucesso de vendas, mas a crítica a julga “por não se encontrar a própria Simone de Beauvoir” (p.253) nos personagens, assim como nos outros livros lançados anteriormente. No fim de janeiro de 1970, o livro *A velhice* é publicado e recebido com louvor pelo público. Beauvoir concede uma entrevista no rádio em que ela “enfoca tanto os acasos infelizes da existência quanto as complicações burocráticas, divulgando, de passagem, a reivindicação da eutanásia” (p.256). Nota-se nesse trecho, que Beauvoir escreve sobre a condição do idoso na sociedade e como acontece a adaptação da pessoa idosa com a chegada da idade. Além disso, não são todos que chegam à velhice e conseguem usufruir de um conforto nessa fase da vida. Por esse motivo, a autora menciona o desejo de alguns idosos de preferirem o sono eterno à luta.

[...] há mortes lúcidas e calmas: quando física e moralmente todo o desejo de viver extinguiu-se, o velho prefere um sono eterno do que à luta, ou ao enfado cotidiano. A prova de que, na velhice, a morte não aparece como o pior dos males é o número de velhos que resolvem “acabar com a vida”. Nas condições que hoje a sociedade proporciona à maioria deles, sobreviver é uma provação vã, e se compreende que muitos prefiram abreviar a vida. (BEAUVOIR, 1990, p.548).

No primeiro capítulo do livro *As inseparáveis*, há um diálogo em que Andrée pergunta a Sylvie: “- Sylvie, se você não acredita em Deus, como pode suportar a vida?” Sylvie responde que gosta da vida. Andrée também afirma que gosta de viver, mas que não suportaria pensar que todos que ela conhecesse morreriam por inteira, pois ela se mataria na mesma hora. Sylvie responde-a: “- Eu não tenho vontade de me matar” (p.64). Ou seja, naquela época, em que as duas amigas eram jovens, Sylvie não tinha motivos para pensar em tirar a própria vida. Com o passar dos anos, a autora vivenciou a morte de sua mãe, a velhice do seu companheiro, Sartre e posteriormente, ela também envelheceu. A partir das suas experiências e investigações sobre a velhice, Beauvoir compreendeu que a velhice deveria ser uma escolha.

1.3 Feminismo e alteridade

Durante séculos, a História foi escrita por homens e para homens que construíram heróis e enalteceram os grandes feitos masculinos. A luta por direitos das mulheres vem desde a Revolução Francesa, que teve seu início em 5 de maio de 1789, considerada por alguns autores, como a pioneira na luta por igualdade e liberdade. Consoante a Adams e Santos (2020) as mulheres participavam “a partir de luta na frente de batalha e também intelectualmente”. Todavia, em 1789, com a Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão, as mulheres não foram alcançadas como cidadãs em igualdade aos homens. Desta forma, duas mulheres fizeram história ao enfrentar o sistema em defesa das mulheres, publicando a Declaração Universal dos Direitos da Mulher e da Cidadã, escrito por Olympe de Gouges, em 1791, na França, e a Reivindicação dos direitos da Mulher, escrito por Mary Wollstonecraft, da Inglaterra, em 1792.

Por esse motivo, em 14 de setembro de 1791, mesmo dia em que o Rei Luís XVI sancionou a Constituição Francesa, Olympe de Gouges publicou a “Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã”. Ela, que participou ativamente nos anos anteriores da Revolução Francesa redigindo manifestos e peças de teatro de cunho político, já havia reclamado maior proteção não só às mulheres, mas também aos pobres, escravos e idosos. A Declaração dos Direitos do Homem, segundo ela, era evidentemente discriminatória, pois já a partir da denominação excluía as mulheres, negando seus direitos de cidadania e contrariando os objetivos da mobilização popular contra a desigualdade. Por isso, Olympe foi tida como inimiga do povo, tendo sido arbitrariamente presa e condenada à morte sem direito de defesa. Ela foi guilhotinada em novembro de 1793, naquele que é considerado o período de terror da Revolução Francesa. (ADAMS e SANTOS, 2020, p.136 e 137).

Enquanto Olympe era morta por lutar pelos direitos das mulheres, Mary Wollstonecraft denunciava, na Inglaterra, a proibição das mulheres ao acesso a direitos básicos, como a educação formal e a clausura doméstica. Adams e Santos (2020) afirma que Mary trouxe pela primeira vez, conceitos que só seriam aprimorados no século XXI, como a “ideia de gênero e a discriminação positiva”. Duas mulheres que lutaram pelo que acreditavam, educação feminina e universalidade de direitos, uma luta que prevalece até os dias de hoje. Contudo, outras mulheres vieram depois de Olympe e Mary, dando prosseguimento ao seu legado. No Brasil, Nísia Floresta deu os primeiros passos para que a condição

feminina e a educação das mulheres se tornassem conhecidas por meio dos seus escritos.

Nísia Floresta é considerada a precursora dos escritos feministas no Brasil e na América Latina, já que não existem registros de textos anteriores com essa finalidade, especialmente porque a imprensa chegou ao país em 1816. Em *Direito das mulheres e Injustiça dos Homens*, ela questiona o espaço social das mulheres, já que reflete sobre elas não ocuparem postos de comando e tampouco estarem ligadas às universidades ou exercendo funções na medicina, magistratura ou advocacia. (ADAMS e SANTOS, 2020, p.40 e 41).

De acordo com Duarte (2003) no início do século XIX, as mulheres brasileiras ainda viviam “enclausuradas em antigos preconceitos e imersas numa rígida indigência cultural” (p.152). Nessa época, apenas os homens tinham o direito de ler e escrever, à maior parte das mulheres, era reservada apenas a ocupação com os afazeres domésticos. Em 1827, houve a primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas e as poucas mulheres que conseguiram quebrar a barreira das dificuldades de escolarização, eram feministas, pois necessitavam lutar pelo direito de ter uma profissão de escritora.

Penso que o “feminismo” poderia ser compreendido em um sentido amplo, como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual, seja de grupo. Somente então será possível valorizar os momentos iniciais desta luta – contra os preconceitos mais primários e arraigados – e considerar aquelas mulheres, que se expuseram à incompreensão e à crítica, nossas primeiras e legítimas feministas. (DUARTE, 2003, p.152)

Segundo Moura, 2018, foi no jornalismo que o feminismo começou a ter voz, o primeiro deles foi *O Jornal das Senhoras (1852)* editado por Joana de Paula Manso, a partir desse, outros jornais que publicavam textos de mulheres foram aparecendo. Além dos jornais, outro espaço utilizado pelas mulheres feministas foi o teatro. Em 1878, a peça *O voto Feminino* de Josephina Alvares Azevedo foi sucesso de público no Rio de Janeiro e posteriormente tornou-se um livro. Mulheres que escreveram e revolucionaram os meios de comunicação da época, seja no jornalismo ou na literatura, lutaram por espaços majoritariamente ocupado pelo sexo masculino, lutaram para que todas pudessem usufruir dos mesmos direitos. Duarte (2003) cita Zahidé Muzart ao descrever sobre um feminismo que luta pela felicidade de todos.

Como texto engajado, como texto de luta, ainda pode impressionar-nos hoje, pois já no século XXI, nem de longe, ainda nos libertamos dos flagelos a que ela se refere, sobretudo o das guerras. O feminismo de Mariana Coelho nasceu de seu altruísmo, de seu “mar de amor”, pois preocupada com o futuro dos povos, atirados numa guerra sangrenta, preconiza antes de mais nada a paz. Daí que seu feminismo está profundamente entranhado com esta causa, ao lê-la, conclui-se que a paz não pode vir senão pela procura da felicidade de todos, ou seja, os miseráveis terão de ter um lugar à mesa de banquete dos ricos. Ideias, como se vê, extremamente atuais e até hoje, deploravelmente não conseguidas. (DUARTE, 2003, p.163).

Nessa conjuntura, observa-se que o feminismo por ser uma luta coletiva, não abrange apenas as mulheres, há de se lutar pelo “futuro dos povos, atirados em uma guerra sangrenta”, pelos seus interesses e por seus direitos. Quando Beauvoir escreveu o livro *As inseparáveis*, o contexto histórico da narrativa é a Primeira Guerra Mundial, sua infância, sua vida familiar, suas amizades e a sua vida escolar foram, de alguma forma, influenciadas por aquele evento. Sendo assim, em 1919, foi preciso mudar, deixar o apartamento, devido às privações pessoais que a família estava vivendo, pois os anos de guerra trouxeram dias sombrios para a família em termos financeiros.

As duas meninas tiveram ainda por algum tempo a presença de Louise, empregada que cuidava delas quando crianças e chegou a morar num dos quartos do sótão, no andar logo acima, que quase todos os apartamentos burgueses da época incluíam. Louise se casou, as domésticas chamadas para substituí-la não foram satisfatórias e Françoise se tornou uma dona de casa com as tarefas mais ingratas, aquelas que as moças de boa família da época não intencionavam acrescentar aos papéis de administradora do lar e de educadora, que se esperavam delas. Simone detestava esta pobreza relativa, mas que não se quer reconhecer como tal e se sacrifica ainda aos ritos e aos conformismos da sociedade burguesa. Restou a ela apenas a leitura, na qual se evadia, os deveres escolares, cumpridos com uma dedicação quase maníaca, e algumas semanas por ano em Limousin, longe daquela Paris que se tornara sufocante. (BOUCHARDEAU, 2021, p.27).

Da mesma maneira foi a vida de Beauvoir enquanto viveu como estudante e professora, sem reclamar dos “quartos precários de hotéis sórdidos”, pois era um sacrifício que precisava ser feito e fez isso sem se preocupar com o que os outros iriam pensar, pois naquele momento suas preocupações eram maiores que os problemas materiais. Enquanto na infância ela detestava a pobreza relativa, na vida adulta, Beauvoir valorizava as amizades e os amores que vivenciou. De

acordo com Francis (1986) desde que Beauvoir conheceu Zaza, seu “amor-admiração” pela amiga durou até ela fazer 18 anos. Depois disso, Beauvoir ansiava por outras emoções, sentia-se dona do seu futuro, queria enriquecer-se de novas experiências, “a idade da obediência havia passado”.

Querendo falar de si mesma, Beauvoir se deu conta de que era necessário começar pela descrição da condição feminina. Ela acabou ajudando muitas mulheres que descobriram em sua filosofia como se liberar das imagens que tinham de si próprias e que as revoltavam. O livro era um recurso contra os mitos que as esmagavam. As mulheres se deram conta de que as suas dificuldades não refletiam uma desgraça singular, mas uma condição generalizada. Essa descoberta permitiu-lhes evitar o auto- desprezo, algumas até encontraram no livro forças para lutar. (CAUBET, 1985, p.20)

Em 1949, Beauvoir lança os dois primeiros volumes da obra *O Segundo Sexo*, os quais trataram a questão da mulher na sociedade do ponto de vista existencialista. Beauvoir não somente apontou o problema da libertação das mulheres, mas todos os problemas ligados à opressão cultural. De acordo com Francis (1986) Beauvoir fez história com esse volume quando “examinou as leis, as religiões, os costumes, e reclamou, à sua maneira, uma reavaliação de todas as estruturas da sociedade”, a obra só não foi suprimida com mais força pelos conservadores da época porque causou medo. Além disso, em “As inseparáveis” (2022), observa-se que Zaza foi educada por uma família patriarcal, a qual insistia para que o futuro da filha fosse o casamento, proibindo-a de ter autonomia em suas escolhas, relegando Zaza a um futuro incerto.

Em verdade, as mulheres nunca opuseram valores femininos aos valores masculinos; foram os homens, desejosos de manter as prerrogativas masculinas, que inventaram essa divisão: entenderam criar um campo de domínio feminino - reinado da vida, da imanência - somente para nele encerrar a mulher; mas é além de toda especificação sexual que o existente procura sua justificação no movimento de sua transcendência: a própria submissão da mulher é prova disso. (BEAUVOIR, 1980, p.85)

Bentes e Lobato (2020, p.252) afirmam que a alteridade resulta de “uma relação em que um e outro se sentem problematizados pelos desafios comuns do próprio contexto em que vivem”. Essa definição de alteridade traz à memória exatamente o que Beauvoir vivenciou na obra autobiográfica *As inseparáveis* (2022). Seu amor por Zaza era imenso, sua preocupação também, apesar disso,

ela não consegue salvar a amiga dos desafios comuns do próprio contexto em que Zaza vivia. Contudo, apesar de viver a sua vida distante da amiga, seus projetos pessoais e profissionais cresciam enquanto Beauvoir acompanhava a vida de Zaza por meio das cartas.

Por um lado, sua história, a partir de certo momento, revelou-se bastante atípica no contexto da sociedade em que estava inserida. Era muito raro então, que uma moça seguisse os estudos tão longe quanto ela; mais raro ainda que alguma viesse a se destacar em âmbito acadêmico, como aconteceu. Também não era comum que mulheres de origem burguesa vivessem do seu próprio trabalho, que não se casasse, que se dedicasse com afinco à arte da escrita e, não menos notável, o modo rebelde como pronunciou sua palavra, como expressou sua leitura de mundo. (CALADO, 2012, p.16).

Destarte, não era isso que a sociedade esperava das mulheres naquela época, o ideal era que as mulheres casassem, tivessem filhos e vivessem o resto da vida dedicando-se aos serviços domésticos. Entretanto, Beauvoir não queria esse tipo de vida para ela e nem para a amiga, a não ser que essa fosse uma decisão tomada por Zaza e não por sua família. Beauvoir incentivava Zaza a estudar, ter uma profissão, não depender financeiramente do marido e a não aceitar os padrões impostos pelo sistema que oprime cada vez mais as mulheres. Mas a mãe de Zaza não via Beauvoir com bons olhos, queria de toda forma afastar a filha de sua melhor amiga.

Nos dias seguintes, ela não teve mais liberdade do que antes. Não havia dúvida. A senhora Gallard arranjava sistematicamente as coisas para nos impedir de conversar. Ao descobrir as cartas de Pascal, deve ter-se arrependido amargamente de ter concordado com minha ida, e agora reparava o erro da melhor maneira que podia. (BEAUVOIR, 2022, p.99).

Para Bouchardeau (2021) Beauvoir “trinta anos mais tarde, daria desta morte uma imagem surpreendente, parecendo marcada por uma culpa indelével e um fatalismo inabitual nela” (p.55). Esse pesar que Beauvoir carregou por longos anos foi algo que abalou seriamente a vida da autora. Além disso, ao narrar suas obras autobiográficas, Beauvoir deixa claro em *Memórias de uma moça bem comportada* seu pesar pela morte da amiga e o fato de não ter feito muito mais para salvar Zaza daquele tormento. “Juntas tínhamos lutado contra o destino

abjeto que nos espreitava, e pensei durante muito tempo que pagara minha liberdade com a sua morte” (p.318). Para Derrida, 2008, o adeus não é o fim, é uma saudação ao outro para além do ser, o autor afirma que nesse momento do adeus gostaria de chamar o amigo pelo nome ou sobrenome e se ele não responde mais é “porque ele responde em nós, no fundo de nosso coração, em nós mas antes de nós, em nós diante de nós - chamando-nos, lembrando-nos: "a-Deus".

A saudação do a-Deus não significa o fim. "O a-Deus não é uma finalidade", diz ele ao recusar essa "alternativa do ser e do nada" que "não é a última". O a-Deus saúda o outro para além do ser, naquilo "que significa, para além do ser, a palavra glória". "O a-Deus não é um processo do ser: no chamamento, sou remetido ao outro homem através de quem este chamamento tem significado, ao próximo por quem eu temo". (DERRIDA, 2008, p.30).

Nessa condição, Beauvoir descreve “os outros” e as razões de seus eventuais conflitos como uma oportunidade de evidenciar sua própria singularidade e construir a sua identidade numa sociedade em que a moralidade e os costumes da época eram mais importantes do que o indivíduo. De acordo com Calado (2020) assim como Sartre, Beauvoir compreende os acontecimentos como encontros entre “facticidade”, o que somos sem escolher, nossa idade, nossas características físicas, nosso lugar de nascimento e, liberdade, o que escolhemos ser, nosso posicionamento político, a maneira que nos comportamos face aos contratempos, por exemplo. Isso diz muito sobre os escritos da autora. Apesar dos contratempos vividos, ela escolheu a liberdade de se posicionar contra a moral e os costumes daquela época que destinavam as mulheres a uma vida sem escolhas.

[...] por meio de suas Memórias, as milhares de páginas de seus quatro volumes: *Memórias de uma moça bem-comportada*, para a infância, adolescência e juventude, de 1908, ao verão de 1929; A força da idade para a entrada na vida adulta, de 1929 aos dias da Libertação de Paris em agosto de 1944; çç esse título amargo para reconhecer o peso dos acontecimentos, dos laços, dos êxitos e dos fracassos, quando se trata de admitir que sua liberdade se choca a cada dia com o peso do mundo, nos vinte anos que a levam quase a idade sexagenária (o livro termina em 1963); e Balanço Final que, publicado em 1972, busca trazer a luz, trocando a abordagem cronológica por uma temática, as linhas de força de uma vida que procura, ainda e sempre, se manter transparente. (BOUCHARDEAU, 2021, p. 8).

Por fim, Beauvoir conseguiu deixar o seu legado como uma intelectual que lutou ativamente pela liberdade e igualdade das mulheres em um mundo que a

oprimia por pensar diferente. Construiu sua identidade por meio de um pensamento existencialista no qual também defendeu que somos responsáveis por nossas escolhas, mas que primeiramente, precisamos compreender nosso lugar no mundo. Apesar dos privilégios de ter nascido em uma família burguesa, ela vivenciou momentos difíceis e lutou para ter o seu lugar em uma sociedade que condenava as mulheres que estudavam e pensavam por si só. Incentivou a amiga a estudar antes de casar, era adepta ao amor livre, e vivia conforme suas convicções, uma mulher desobediente para os padrões impostos por uma sociedade moralista. Segundo Buarque de Hollanda, 2018, desde os tempos remotos que a mulher é relegada aos espaços domésticos:

Para as mulheres, as coisas "são como são" desde a Grécia Antiga. Na *Política* de Aristóteles, ele define: o espaço da pólis, isto é, a cidade, o espaço público, pertence aos homens. As mulheres, escravos e animais cabe a oikós, o espaço doméstico e familiar. Séculos depois, na aurora do Iluminismo, Rousseau corrobora a tese ao publicar *Emílio*, livro que narra como o personagem-título deve se portar socialmente nos novos tempos. O capítulo final do calhamaço é dedicado a Sophie, mulher de Emílio. A primeira regra para seu bom trânsito social é ficar em casa. (HOLLANDA, 2018, p.63).

Em síntese, Beauvoir sempre defendeu a liberdade feminina e descreveu, por meio das cartas e das fotografias, na obra *As inseparáveis*, uma amizade em que tanto ela quanto a amiga Zaza lutavam pela autonomia de poder fazer suas próprias escolhas. Contudo, essa dupla possibilidade de articulação por meio das cartas e das fotografias acontece na biografia de Beauvoir quando ela se coloca no lugar da amiga e escreve as suas vivências.

Assim, a partir das relações de alteridade, os sujeitos sociais e as coletividades constroem suas identidades, representações sobre si mesmos e sobre os inúmeros outros, identificando características, práticas, costumes, que os definem e que os diferenciam dos demais. Porém, como esse "Eu está implicado com o outro, torna-se demasiado complicado tentar cercar e limitar somente o que é do Eu, visto que ele foi construído dinamicamente na relação com um outro" (ROSO et al., 2015, p. 137).

Os registros deixados em forma de cartas demonstram o quanto a personagem Sylvie tentou ajudar a amiga. As fotografias que mostram as duas amigas simbolizam essa memória da amizade. No capítulo a seguir serão

analisadas as cartas e as fotografias como articuladores da alteridade, as quais marcaram a infância e a juventude da autora. Na primeira parte do capítulo, as análises das cartas dissertam sobre uma escrita baseada em um amor puro de Sylvie por sua amiga Andrée, que experimentou a dor de amar alguém e não ser correspondida na mesma medida. Na segunda parte, são as fotografias que irão perpetuar essas lembranças, de uma vida dedicada à família, à diversão, e às escolhas que precisaram fazer para nutrir essa amizade.

2. O AMOR MANIFESTO EM CARTAS E FOTOGRAFIAS: UMA ANÁLISE DE AS INSEPARÁVEIS

2.1 As cartas como articuladores da alteridade

A carta é um testemunho particular de quem a escreve, direcionado a um destinatário específico. Além de ser um manuscrito onde são registradas as lembranças, ela pode tornar-se parte de uma obra autobiográfica. Por meio das cartas, a autora Simone de Beauvoir fez as mais belas declarações para sua amiga Zaza. Anos depois Sylvie Le Bon de Beauvoir, filha adotiva de Simone de Beauvoir, organizou estas cartas e compôs um acervo que reuniu também fotografias da escritora e de outros pensadores que participaram do seu círculo de amizades. Tendo isso em vista, as cartas e as fotografias foram anexadas ao livro “As inseparáveis” e que retratam a história de amor e amizade entre Simone de Beauvoir e Zaza.

Pusemo-nos a falar, a contar, a comentar; as palavras precipitaram-se em meus lábios e em meu peito giravam mil sóis; num clarão ofuscante de alegria, disse a mim mesma: “Ela é que me faltava.” Tão radical era minha ignorância das aventuras verdadeiras do coração, que eu não pensara em verificar que sofria pela ausência dela. Sua presença me era necessária para compreender o quanto precisava dela. (BEAUVOIR, 2017, p.86).

Assim, a primeira carta apresentada no livro *As inseparáveis*, têm apenas as páginas 1 e 4 de uma carta que Simone escreveu para Zaza. Tem-se a versão em francês dessas duas páginas e a tradução feita por Ivone Benedetti, mas as páginas 2 e 3 não foram publicadas no livro. Escrita por Simone ainda na infância, com tinta violeta, para sua amiga Zaza, no dia 15 de setembro de 1920, a carta descreve as férias dela com seu tio, em Meyrignac. Observa-se

nessa carta, que Simone menciona uma atividade que até então a sociedade acreditava ser algo praticado por homens, a caça. Todavia, ao pesquisar sobre o tema, descobre-se que há um estudo publicado pela revista *Plos One*, em 2023, que afirma que as mulheres caçavam intencionalmente para subsistência¹.

Com base nos dados que sustentam a existência de caçadoras, certas habilidades e práticas dentro das sociedades de forrageamento permitem que as mulheres sejam caçadoras bem-sucedidas. Das 63 sociedades de forrageamento com descrições claras de estratégias de caça, 79% delas demonstraram caça feminina. A presença generalizada de caça feminina sugere que as mulheres desempenham um papel instrumental na caça, acrescentando ainda mais aos dados de que as mulheres contribuem desproporcionalmente para a ingestão calórica total de muitos grupos de forrageamento. (ANDERSON, CHILCZUK, NELSON, ET AL, 2023, p.6).

Ademais, Simone escreve nesta carta sobre as amoras e as cercas vivas que estavam cobertas por elas e como se deliciava com tudo isso. Nota-se, que Simone e Zaza eram duas meninas educadas para trilharem caminhos diferentes. Enquanto Simone aproveitava as férias para divertir-se, Zaza não tinha tempo para si, era “escrava” dos afazeres domésticos, do cuidado com os irmãos mais novos e da família. Desse modo, Simone foi ensinada a priorizar os seus momentos de lazer, a diversão e os estudos, pois com a falência do seu avô materno, sua família não recebeu o dote de sua mãe e seu pai precisou arrumar um trabalho. Logo, sua família não tinha condições de pagar o dote, caso ela se casasse. (p.97). Algumas cartas de *As inseparáveis* apontam para essa diferença entre as amigas, tal como a carta que se segue:

Quarta-feira, 15 de setembro de 1920

Minha querida Zaza,
Decididamente, acho que minha preguiça só se compara a sua; faz 15 dias que recebi sua longa carta e ainda não me decidi a responder. Ando me divertindo tanto aqui que não encontrei tempo. Estou voltando da caçada; é a terceira vez que vou. E por sinal não tive sorte; meu tio não matou nada nos dias em que o acompanhei. Hoje ele atingiu uma perdiz, mas ela caiu numa moita e, não tendo[...]
não resta absolutamente. Há amoras em Gagnepan? Em Merignac encontramos muitas, as sebes estão cobertas por elas também nós

¹ Artigo: **O mito do homem caçador: a contribuição das mulheres para a caça em contextos etnográficos**. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0287101> Acesso em: 08 maio 2024.

nos deliciamos. Até logo minha querida Zaza não me faça esperar sua carta tanto tempo quanto fiz esperar a minha. Um abraço de coração a você e a seus irmãos e irmãs e particularmente a seu afilhado. Meus respeitos à senhora Lacoïn e também as melhores lembranças de Mamãe.

Sua inseparável.
Simone.

Tente ler esses rabiscos sem penar demais”.(BEAUVOIR, 2022.)

Decerto, a autora das cartas tinha uma forma de assiná-las muito particular “sua inseparável” era como Simone se referia nas cartas que enviava a Zaza. Na escola, chamavam-nas de “as inseparáveis”, pois Zaza preferia Simone às outras colegas. A mãe de Simone era quem se ocupava dos afazeres domésticos, sua família deixava-a mais livre para dedicar-se à leitura, respeitava seus estudos e até seus lazeres, vez ou outra Simone fazia alguma coisa “só me pedindo para lhe prestar pequenos serviços: moer o café, descer a lata de lixo.” (Beauvoir, 2017, p.98).

Felizmente eu não estava condenada ao destino de dona de casa. Meu pai não era feminista; admirava a sabedoria dos romances de Collette Yver em que a advogada, a doutora, acabam sacrificando a carreira pela harmonia do lar. Mas a necessidade faz a lei: “Vocês, meninas, vocês não se casarão”, repetia constantemente: “Vocês não têm dote, precisarão trabalhar”. Eu preferiria de muito a perspectiva de um ofício à do casamento, autorizava certas esperanças. Houve muita gente que fez coisas: eu faria também. Não previa exatamente que coisas. A astronomia, a arqueologia, a paleontologia, respectivamente, tinham-me seduzido e eu continuava a acarinhar vagamente a ideia de escrever. (BEAUVOIR, 2017, p.97).

Enquanto isso, a família de Zaza a mantinha aprisionada em suas obrigações, tirando dela o poder de decidir sobre suas escolhas. Inclusive para frequentar um curso superior que ela gostaria de fazer, precisou de autorização da família: “Fizemos os exames do *baccalauréat* e, depois de muita discussão, a senhora Gallard permitiu que Zaza estudasse três anos na Sorbonne”. (Beauvoir, 2022, p.65). Mediante esse contexto cultural em que as mulheres não tinham voz e precisavam, na maioria das vezes, de autorização para estudar, outras mulheres já lutavam pelo direito à educação, no século XIX, como mostra o trecho abaixo:

Por isso, repito, apenas hoje é possível perceber a transformação de “libertação” numa nova camisa-de-força. Ou de como os

“deveres” obscureceram os “direitos” e como foi difundida a crença de que a mulher só era capaz de realizar as tarefas ligadas à casa, ao marido e aos filhos. As mulheres de então não podiam mesmo perceber a nova forma de enclausuramento que se impunha, tão grande era o seu poder e tão sedutores os seus disfarces. [...] apenas a educação era capaz de tirar o gênero feminino da submissão a que estava relegado, e de dar às mulheres as condições necessárias para serem donas de seus destinos. (DUARTE, 2010, p.78).

Outrossim, as cartas eram a forma que Simone encontrou para acompanhar os acontecimentos da vida de Zaza quando elas estavam longe uma da outra, e vice-versa. Michel Foucault (1992) afirma que a carta possui uma função relevante nas relações humanas, é por meio dela que “cada um se manifesta a si próprio e aos outros”. Também é uma forma de se fazer presente quando o outro está distante, por isso as pessoas escrevem ou escreviam cartas com mais frequência há algum tempo. Com o avanço das tecnologias de comunicação, as cartas foram substituídas pelo e-mail, pelo telefone e por outros meios digitais. Todavia, o autor enfatiza que existe uma presença na escrita de uma carta que dificilmente será encontrada em outros meios de comunicação:

A carta faz o escritor “presente” aquele a quem se dirige. E presente não apenas pelas informações que lhe dá acerca da sua vida, das suas atividades, dos seus sucessos e fracassos, das suas venturas ou infortúnios; presente de uma espécie de presença imediata e quase física. (FOUCAULT, 1992, p.150,151).

Nesse cenário, as cartas eram um refúgio para Simone e Zaza, elas contavam as horas para encontrarem-se e poder “divertir-se para esquecer” a vida que eram obrigadas a viver. Tornaram-se inseparáveis ainda na escola católica Adeline Désir. O sentimento de Simone por Zaza é do âmbito da paixão. “Ela a venera, teme desagradá-la” (Sylvie, 2022, p.5). Ao despedir-se em suas cartas, Simone sempre escrevia “Sua inseparável”. Em 3 de setembro de 1927, Zaza escreve a Simone e menciona a machadada que deu em si mesma para fugir da agitação de Gagnepan²:

Gagnepan, 3 de setembro de 1927

Minha querida Simone,

² Uma das residências da família Lacoïn em Landes, segundo o livro “As inseparáveis” 2022. Simone de Beauvoir esteve lá por duas vezes, durante suas férias escolares.

Sua carta chegou num momento em que algumas horas de conversa comigo mesma e de reflexão sincera acabavam de me proporcionar muito maior lucidez e compreensão do que tive na primeira parte das férias. [...] Recentemente foi organizada em Haubardin uma grande excursão com amigos ao País Basco; eu sentia tanta necessidade de solidão, tamanha impossibilidade de me divertir que me dei uma bela machadada no pé para escapar da expedição. [...] Muitas vezes estou com você apesar da distância. Você sabe disso, mas estou dizendo para ter o prazer de ver minha pena escrever uma verdade tão incontestável. Abraço-a afetosamente, lembranças a Poupette e meus respeitos a seus pais. (BEAUVOIR, 2022).

Ao trocar cartas, Simone e Zaza não descrevem apenas suas adversidades, apesar dos momentos conflitantes com a família. A amizade delas era fundamentada na confiança que uma tinha pela outra para confidenciar suas angústias. O fato de Zaza escrever sobre ela ter se automutilado para ficar por um momento só, é algo devastador. Para ter um momento de paz e tranquilidade, ela precisava ferir-se fisicamente. Além disso, as cartas mantinham esse lugar de proximidade. A presença ou a ausência de quem escreve pode ser sentida através das palavras. Para Foucault, o sentimento de receber uma carta pode ser traduzido desse modo:

Se ficamos felizes por possuir os retratos dos nossos amigos ausentes...quanto mais não nos alegra uma carta, pois traz vivas marcas do ausente, o cunho autêntico de sua pessoa. O traço de uma mão amiga, impressa nas páginas, proporciona o que há de mais doce na presença: reconhecer. (FOUCAULT, 1992, p.151).

No dia 23 de junho de 1929, Simone escreve outra carta a Zaza, escrita em papel tarjado, e no livro constam apenas as páginas 1 e 3 desta carta, relatando o quanto Simone sentia falta dos momentos que viveu junto a Zaza. A autora fala dos lindos dias que ela vive em Gagnepan e da beleza dos últimos dias em que lembrava de ter buscado a irmã junto com Zaza. Pode-se afirmar que a carta vai além da sua tarefa de comunicar. O “reconhecer” é a constatação de que há naquela escrita um sentido para além de contar a história do que faziam. Desse modo, a carta é a marca, é o sinal de que alguém se dedicou para que esse momento fosse possível, o testemunho confidencial de que há presença na ausência. A carta abaixo refere-se à primeira página que Simone escreveu para Zaza:

(Paris) Domingo, 23 de junho de 1929

Querida, querida Zaza,
 Como pensar tanto em você sem sentir vontade de lhe dizer? Sinto novamente esta noite aquela sede da sua presença que tantas vezes, ainda menina, me fez chorar de ternura; mas na época eu não tinha coragem de escrever para dizê-lo; e agora me privar disso num momento em que dois dias sem você me parecem, ridiculamente, uma longa ausência? Parece-me que você sentiu, como eu, a que maravilhoso momento da nossa amizade chegamos nos últimos quinze dias, e na sexta-feira por exemplo eu teria dado muitas coisas neste mundo para que o tempo se prolongasse indefinidamente entre nós e Rumpelmayer. Em Gagnepan também tivemos lindos dias: um passeio pelo bosque, onde falamos de Jacques; e sobretudo uma noite cuja lembrança está em mim, bela como o impossível. Mas ainda faltava não sei que esforço para nos alcançar, uma desconfiança do amanhã, o receio de um êxito provisório. Houve a sua volta de Berlim: a noite em que fomos buscar Poupette juntas; a noite seguinte no Príncipe Igor - elas ficaram em mim, deslumbrantes como promessas. Estes últimos dias têm a beleza mais rara das realizações. De você para mim, com a consciência mais nítida daquilo que precisa recusar, exatamente por causa dessa nitidez, uma confiança mais isenta de arrependimentos, um afeto mais tranquilo; de mim para você, a certeza de ser entendida, o sentimento de entendê-la talvez melhor que nunca, e certamente a alegria incomparável de admirar sem reservas aquilo que entendemos mais completamente que nunca. Se tivéssemos jogado o jogo inventado... (BEAUVOIR, 2022).

Nesta carta, Simone descreve em detalhes quão maravilhosa era a amizade delas e aborda os assuntos que elas compartilhavam quando estavam próximas. A escrita sobressalta aos olhos, como se Sylvie quisesse reforçar o que elas sentiam uma pela outra. A carta foi e continua sendo indispensável tanto para os indivíduos que a utilizam para comunicar-se, quanto para muitas organizações. Bazerman (2020) lembra que desde os tempos passados, a carta já exercia essa função de representação do emissor, e possuía uma relevância extraordinária, pois era entregue por uma pessoa de confiança da autoridade que escrevia a carta:

[...] os primeiros comandos escritos ao lado de outros assuntos de Estado - militares, administrativos ou políticos - eram feitos na forma de cartas. As cartas forneciam a identificação de autor e audiência e, no período mais antigo, elas eram entregues por mensageiro pessoal da autoridade - o qual, dizia-se, passava a representar a própria presença ou projeção (parousia) do emissor. (BAZERMAN, 2020, p.132).

Pode-se afirmar que as cartas pessoais evoluíram com o passar dos anos, tornando um meio informacional, principalmente nos diversos tipos de negócio e transações. De acordo com Bazerman (2020), dentre os mais variados modelos

que já existiam na época, havia as cartas de petição, utilizadas para manifestar interesses pessoais às autoridades, de recomendação, aos deuses, aos mortos, etc. No período clássico, a carta foi criada com o propósito de amenizar “a distância entre dois indivíduos”, antecedendo a origem de documentos públicos, tais como cartazes, manifestos e panfletos.

Até meados do século XX nos Estados Unidos, os principais documentos de patentes mantiveram o formato de uma carta. [...] assinada pelo requerente e por testemunhas, mas também endossada pelo Departamento de Patentes e com um número de patente. (BAZERMAN, 2020, p.139).

Além de contribuírem para o progresso do governo e da política, a carta também contribuiu para o desenvolvimento financeiro. A letra de câmbio era um documento onde uma pessoa acusava “o recebimento de uma soma a ser paga numa data fixa, normalmente, em outra cidade”. Segundo Bazerman (2020), era considerado o documento mais importante da época, precisava de certificação de um tabelião e circulava na forma de uma correspondência comercial. Sem dúvida, somente as instituições financeiras de confiança, juntamente com os governos tinham o poder de emitir instrumentos de valor escritos e impressos para a circulação.

A circulação monetária, estabelecida no norte da Itália durante o século XII, baseia-se na transferência direta de fundos da conta bancária de um cliente para a de outro, seguindo as instruções do primeiro. Documentos escritos que funcionavam como uma ordem de pagamento aparentemente serviram como uma primeira forma de cédula. (BAZERMAN, 2020, p.141).

Para Bazerman (2020), pelo menos três tipos de escrita que se desenvolveram durante o período da cultura impressa, parecem ter alguma conexão com a carta: o jornal, a revista científica e o romance. Um exemplo é o desenvolvimento da *Philosophical Transactions*, que se originou da troca de cartas entre filósofos naturais, em meados do século XVII. Posteriormente, a prática se transformou e tornou-se um sistema de correspondência com os leitores, o que a consolidou como uma das principais revistas científicas do século XIX.

Levou mais de um século para que os artigos perdessem os vestígios do formato de carta e adotassem o tom e o foco argumentativos abstratos dos artigos científicos. As Cartas ainda retêm vários e importantes papéis na publicação científica,

servindo para uma resposta direta e como um fórum para a publicação menos formal e mais rápida de resultados importantes. (BAZERMAN, 2020, p.146).

De maneira análoga ao surgimento da revista, o romance epistolar uma das primeiras formas de ficção em prosa, também se desenvolveu da tradição de escrever cartas e manuais de escrever cartas. O romance epistolar comprova a importância das cartas no espaço da literatura. Além das cartas formais e oficiais, Bazerman (2020, p.134) ressalta o valor das cartas pessoais na manutenção e ampliação dos laços sociais. Para ele, a comunicação feita em estilo falado estreitava os vínculos entre amigos e associados. Destarte, é possível encontrar no livro *As inseparáveis*, uma confissão dos sentimentos de Zaza por Merleau-Ponty, como mostra a carta enviada por ela a Simone, de Paris, no dia 10 de outubro de 1929:

Quinta-feira à noite, 10 de outubro de 1929

Minha querida Simone,

Não estou escrevendo, como Gandillac gosta de fazer, para me desculpar de ter sido sinistra ontem apesar do vermute e da reconfortante acolhida no bar "Selection". Você deve ter entendido, eu ainda estava aniquilada pela carta da véspera. Ela caiu muito mal. Se P. [Merleau-Ponty] pudesse ter adivinhado o sentimento com que eu aguardava nosso encontro de quinta-feira, acho que não o teria adiado. Mas foi bom mesmo que não o soubesse, gostei do que ele fez e não foi ruim para mim ver até onde ainda pode chegar meu desânimo quando fico totalmente sozinha para resistir a meus amargos pensamentos e as lúgubres advertências que Mamãe considera necessário me fazer. O mais triste é não poder me comunicar com ele. Não tive coragem de mandar um bilhete para ele na rua Tour. Se você estivesse sozinha ontem, eu teria escrito algumas linhas para ele, com a sua caligrafia ilegível no envelope. E você faria a grande gentileza de lhe mandar logo em seguida uma carta pneumática dizendo o que ele já sabe, espero, que estou perto dele na dor e na alegria, mas sobretudo que pode me escrever aqui em casa sempre que quiser. E ele me faria bem em não deixar de me escrever, pois, não sendo possível encontrá-lo muito em breve, eu precisaria terrivelmente de pelo menos um bilhete dele. Aliás, neste momento ele não precisa rezear minha alegria. Mesmo que eu lhe falasse de nós, seria bem seriamente. Suponho que a presença dele me libertasse e me devolvesse a segurança feliz que eu sentia terça-feira conversando com você no Pátio do Liceu Fenelon, restariam nesta vida muitas coisas tristes de que pode falar quem se sente enlutado. Meus entes queridos não precisam se preocupar, não estou fugindo deles. E neste momento me sinto presa à terra e mesmo à minha própria vida, como nunca antes. E por você Simone, dama amoral e distinta, sou afeiçoada de todo coração.

Zaza

Evidentemente, esta carta de Zaza para Simone configura um desabafo de quem está muito angustiada por Merleau-Ponty ter adiado o encontro. Seu amor por ele era algo como o fôlego de vida. Conforme Beauvoir, (2022, p.117), a vida de Zaza era repleta de frustrações. “O sofrimento da separação de Bernard, a decepção ao descobrir a verdade do mundo em que vivia, a luta contra a mãe para ter o direito de agir segundo seus sentimentos e segundo sua consciência;” [...]. Zaza via em Pascal a salvação de todo sofrimento; a moralidade exige um preço alto demais das pessoas. A família de Zaza não queria que ela se casasse com ele devido a um relacionamento extraconjugal da mãe com um professor. Para a família de Zaza, isso era inadmissível. Simone tenta convencer Pascal a respeito do estado de saúde de Zaza:

- Pascal, escute. Acabo de passar um mês com Andrée³: ela não aguenta mais. Fisicamente, restabeleceu-se um pouco, mas vai perder de novo o apetite e o sono, vai acabar ficando doente. Não aguenta mais, moralmente. Você consegue imaginar em que estado ela estava para cortar o pé com um machado? (BEAUVOIR, 2022, p.117).

O trecho em que Zaza escreve “Meus entes queridos não precisam se preocupar, não estou fugindo deles”, era uma forma de dizer que não aguentava mais tamanho sofrimento, qualquer coisa seria melhor que a vida que estava levando. No dia 04 de novembro, Zaza escreve novamente para Simone:

Paris, segunda-feira, 4 de novembro de 1929

Minha querida Simone,
Estive com P. [Merleau-Ponty] no sábado, o irmão dele vai ainda hoje para Togo; até o fim de semana, ele estará ocupado com aulas ou com vontade de fazer um pouco de companhia a mãe, para quem essa separação é dura. Nós gostaríamos muito, muito mesmo de nos encontrar sábado no bar “Seléction” e de poder vê-la, eterna desaparecida, no seu delicioso vestido cinza. Sei que no sábado a turminha sai, porque não nos reunir a nós, será que sentem tanta repugnância de nos encontrar, você tem medo de que nos devoremos? De minha parte, gostaria muitíssimo de conhecer Sartre o mais breve possível, a carta que você leu para mim me agradou infinitamente, e o poema, belo, apesar de desajeitado, me fez pensar muito. Até sábado, por razões de família que seria demorado explicar, não poderei encontrá-la sozinha como esperava. Espere mais um pouco. Penso sempre em você e a amo de coração. Zaza

O “bar Selection” é o quarto que Simone de Beauvoir alugava da avó no número 91 da avenida Denfert desde setembro de 1929. Esse foi seu primeiro endereço independente. (Beauvoir, 2022). Zaza escreve esta carta para Simone a fim de informar que se encontrou com Merleau-Ponty e que agora as coisas entre eles dois pareciam estar se acertando. Zaza também menciona sua vontade de conhecer Sartre, a vida parecia fazer mais sentido quando Zaza se encontrava com Merleau Ponty, toda sua angústia desaparecia. No dia 13 de novembro de 1929, Simone responde a carta de Zaza, que segundo os registros no livro, seria a última carta enviada para sua amiga antes de vir a falecer.

Quarta-feira (13 de novembro de 1929)

Querida Zaza,
 Conto com você no domingo às 5 horas. Poderá encontrar Sartre livre. Gostaria de encontrá-la antes. E se fôssemos ao Salão de Outono na sexta feira das 2 às 4 ou no sábado no mesmo horário? Neste caso manda-me logo um bilhete com o lugar do encontro. Vou tentar encontrar Merleau-Ponty um dia desses na saída de uma de suas aulas. De qualquer maneira, transmita-lhes minhas afetuosas saudações se estiver com ele antes de mim. Espero que tenha superado os problemas de que falou outro dia. Fiquei feliz, feliz com os momentos que passamos juntas, minha queridíssima Zaza. Continuo indo a B.N., você não irá também? A cada página é sempre uma felicidade, felicidade em letras cada vez maiores. E gosto de você mais que nunca neste momento, passado querido, presente querido, minha querida inseparável.

Um beijo Zaza querida.

S. de Beauvoir

Zaza veio a falecer no dia 25 de novembro de 1929, 12 dias após Simone ter-lhe enviado esta carta. Simone chega a escrever na carta o horário e o lugar onde elas se encontrariam, caso Zaza aparecesse e pede a amiga que confirme enviando-lhe um bilhete. De acordo com o livro *As inseparáveis*, Zaza morreu de encefalite viral, mas, segundo a autora, “Zaza morreu porque tentou ser ela mesma e foi convencida de que essa pretensão era um mal”. Na última carta que Simone lhe escreve, nota-se a preocupação que Simone tinha com ela, em saber se havia superado os problemas e pontuou a felicidade pelos bons momentos vividos. Para Simone, Zaza foi assassinada, sua morte foi um “crime espiritualista”. A morte de Zaza é o episódio mais triste narrado no livro, ela nunca aproveitou a

vida como deveria, mas também não merecia a morte como refúgio. Depois de ter vivenciado tantas coisas, para Beauvoir, a morte de Zaza foi consequência de uma vida infeliz, onde ela encontrou descanso das exigências impostas por uma família conservadora.

2.1 As fotografias como articuladoras da alteridade

Assim como as cartas, as fotografias que compõem a obra de Beauvoir fazem parte de um acervo que foi organizado por Sylvie Le Bon Beauvoir e publicado pela editora Record. A fotografia registra momentos inesquecíveis vividos pelas amigas e outras figuras que participavam de seu círculo social, tais como os renomados filósofos Merleau-Ponty e Jean-Paul Sartre. Na biografia de Beauvoir escrita por Kirkpatrick, em 2020, há fotografias que mostram a rotina da autora, comprovando a existência dos encontros da autora com Zaza, além dos instantes que se dedicava a ficar só em sua casa, em Paris. Como nos lembra Kossoy (2001) a fotografia, a partir da articulação de uma série de instrumentos técnicos tais como a câmera, a lente, o filme, a iluminação, a sala escura de revelação, banhos químicos, etc., permite que o instante vivido seja eternamente lembrado. "Com a fotografia, embora ausente, o objeto poderia ser (re)apresentado, eternamente." (Kossoy, 2001, p. 146).

A câmera fotográfica e o relógio são instrumentos íntimos, auto-referentes. A câmera fotográfica incorpora o tempo do relógio para seu funcionamento e se insere, através de suas imagens, no Tempo enquanto contingência. Com a fotografia, descobriu-se que, embora ausente, o objeto poderia ser (re)apresentado, eternamente. É este o tempo da representação, que perpetua a memória da longa duração. Com os ponteiros petrificados, temos a memória sempre disponível; uma possibilidade consistente de recuperarmos o fato. (KOSSOY, 2001, p.146).

Em vista disso, serão analisadas neste trabalho, as fotografias da obra "As inseparáveis" de Beauvoir. O livro exhibe 11 fotografias em preto e branco, que retratam a vida da autora e das pessoas com quem ela convivia. A primeira fotografia anexada ao livro mostra a família Lacoïn no ano de 1923 e seus nove filhos. A obra cita a família Gallard como nome ficcional para a família Lacoïn. Na narrativa, "a família Gallard tem sete filhos, dos quais um único varão; entre os Lacoïns, eram nove vivos, seis meninas e três meninos." (p.7).

Uma sineta tocou, e passamos a sala de jantar. Como eram numerosos! Eu os conhecia todos, com exceção da avó; debaixo dos seus cabelos brancos, tinha um rosto clássico de avó, não pensei nada de especial. O irmão mais velho vestia batina, tinha acabado de entrar no seminário. Levava adiante, com Malou e o senhor Gallard, uma discussão que parecia crônica sobre o sufrágio feminino; sim, era escandaloso que uma mãe de família tivesse menos direitos que um operário bêbado[...] (BEAUVOIR, 2022, p.47).

Figura 1



Na foto, Zaza está na segunda fileira, a quarta a partir da esquerda.

Fonte: Livro: *As inseparáveis* (2022).

Por diversas vezes, Beauvoir (2022, p.24) menciona o quão numerosos eram a família Lacoin. “Nas primeiras vezes em que fui brincar, na casa de Andrée, fiquei boquiaberta; além dos irmãos e das irmãs, sempre havia um enxame de primos e amiguinhos na rua de Grenelle; [...]”. Naquela época, era comum as famílias serem grandes, isso demonstrava *status* social, por esse motivo, perpetuar esses momentos através da fotografia era de grande estima para todos. Era tradição familiar nos eventos sociais reunir grande parte da família, apresentar as filhas para futuros maridos, enquanto as mulheres ficavam responsáveis pela organização desses eventos. Desse modo, as fotografias registravam cada vez mais a vida das famílias que podiam documentar esses momentos:

Com a sofisticação de sua comercialização, os retratos se tornaram objeto de desejo de uma classe burguesa e mesclaram cada vez mais realidade e ficção, onde a imaginação do retratado ou do retratista possibilitaria a criação de cenários e histórias dispostos para se integrarem a um mundo ideal, uma narrativa

marcada pela visualidade. Imbuída de precisão informativa e de conhecimento, a fotografia não se define apenas como registro documental e científico, uma cópia quimicamente revelada da realidade: é a realidade revelada, resgatada, roubada e materializada em memória. (CAMPOS, 2009, p.15).

Nesse contexto, observa-se na capa do livro *As inseparáveis*, a fotografia das duas amigas inseparáveis já adultas, Simone de Beauvoir e Elizabeth Lacoin. A capa do livro foi produzida por Leonardo Iaccarino, chefe de departamento de Design do grupo Editorial Record. Na quarta edição da obra, publicada em 2022 pela Editora Record, Iaccarino utilizou, além da foto, as cores amarelo, branco e preto na capa a fim de trazer ao leitor nuances de uma narrativa sobre uma amizade que perdurou por muito tempo. A imagem da capa foi cedida pela Association Elizabeth Lacoin/ L'Herne, uma associação criada pelos irmãos de Zaza em 1991. O pai de Zaza, Maurice Lacoin, solicitou aos filhos que escrevessem sobre ela, em memória da irmã que faleceu aos 21 anos.

Enquanto os Gallards gozam de situação confortável, sua própria família, inicialmente de boa burguesia, acabou arruinada e decaída após a guerra de 1914. No cotidiano de suas permanências em Bethary não lhe são poupadas humilhações, impingidas com luvas de pelica: aponta-se para o seu penteado e para suas roupas, e Andrée, discretamente, pendura um vestido bonito em seu armário. Há algo mais grave: a senhora Gallard desconfia dela, daquela moça transviada que estuda na Sorbonne, que terá uma profissão, ganhará a vida e a independência. (BEAUVOIR, 2022, p.14).

Segundo a Editora Albatroz (2016), a capa tem a função de trabalhar a identidade do livro, além de protegê-lo. É por ela que sabemos quem escreveu, quem produziu e o que contém. “A capa deve transmitir uma mensagem sobre o que o leitor pode encontrar na leitura da obra”. Nesse cenário, Campos (2009) afirma a possibilidade da criação de cenas por meio da fotografia. Essa criação de narrativas a partir da fotografia torna-se visível na foto escolhida para a capa do livro, que exhibe as duas amigas sentadas sobre a grama fazendo alusão à proximidade entre as duas personagens. Ademais, há na obra *As inseparáveis* uma outra foto de Zaza e Simone próximas a uma porteira de madeira, com as mesmas roupas e acessórios que aparecem na foto da capa, tirada em setembro de 1928, em Gagnepan, onde passavam férias na famosa casa de Bethary.

A casa de Bethary estava cheia de gente; lá se encontravam o noivo e suas duas irmãs, solteironas, langorosas que não saíam dos calcanhares de Andrée; também estavam todos os primos Rivière de Bonneville; ao mesmo tempo que celebrava o noivado de Malou, a senhora Gallard organizava entrevistas para Andrée; era uma temporada jubilosa, em que as festas se sucediam. (BEAUVOIR, 2022, p.81, 82).

Figura 2



Imagem da capa foi cedida pela Association Elizabeth Lacoin/L'Herne.

Para Brizuela (2014, p.23), escrever fotograficamente é manipular os elementos da vida, é isso que reside nas fotografias singulares, “porque provém da ‘prosa do mundo’ e ao mesmo tempo é o meio para recusar-se ao mundo”. Agamben (1985) afirma que a ideia da prosa é um fato em que nenhuma “ideia do verso é perfeitamente satisfatória”, a não ser a possibilidade do *enjambement*, que garante a identidade do verso em relação à prosa. Em outras palavras, o *enjambement* traz a irregularidade do discurso humano, “como se contrariamente a um preconceito muito generalizado, que vê nela o lugar de um encontro, de uma perfeita consonância entre som e sentido, a poesia vivesse, pelo contrário, apenas da sua íntima discórdia”. (p.32).

A 10 de setembro, parti alegremente pela Laubardon. Embarquei em Uzerche, de madrugada, e desci em Bordeaux, pois escrevera a Zaza: “Não posso atravessar a pátria de Mauriac sem me deter.” Pela primeira vez em minha vida passei sozinha numa cidade desconhecida. Havia um grande rio, um cais brumoso, e os plátanos já recendiam o outono. Nas ruas estreitas, a sombra brincava com a luz; e, adiante, largas avenidas se dirigiam para as esplanadas. Sonolenta e encantada, eu flutuava, leve, afinal como uma bolha. [...] Depois, um trem me transportou ao longo de uma estrada vertiginosamente reta e margeada de pinheiros até o infinito. Gostava de trens. Debruçada à janela, oferecia o rosto ao vento e as fagulhas e jurava nunca me assemelhar aos viajantes cegamente encolhidos no calor do compartimento. (BEAUVOIR, 2017, p.225).

Decerto Beauvoir (2021) relata que após a morte de sua amiga, a memória de Zaza assombrou a autora durante muito tempo por meio dos sonhos, e por isso ela resolveu dedicar essa autobiografia a sua amiga. Além da dedicatória a Zaza no livro “As inseparáveis”, houve outras tentativas de homenagear a amiga. A autora procurou destacar suas relações de alteridade em sua escrita a fim de mostrar ao mundo quem ela era e como gostaria de ser lembrada. Conforme Calado (2012, p.26) “Ao revelar suas experiências pessoais, Beauvoir demonstrou seu entendimento de que, para compreender determinada sociedade, mostrava-se necessário conhecer os sujeitos que a integram.”

Quatro vezes, em diversas transposições - em romances inéditos da juventude, em sua coletânea *Quando o espiritual domina*, num trecho suprimido do romance *Os mandarins*, que lhe valeu o prêmio Goncourt em 1954 -, a escritora tentou em vão ressuscitar Zaza. Repete a tentativa no mesmo ano, com uma longa novela que ficou sem título e permaneceu inédita até hoje, aqui publicada. Esta derradeira transposição ficcional a deixa insatisfeita, mas por um atalho essencial, leva-a a conversão literária decisiva. Em 1958, ela integra ao texto autobiográfico a história da vida e da morte de Zaza: são as *Memórias de uma moça bem comportada*. (BEAUVOIR, 2022, p.6).

Calado (2012) relata, no início do primeiro capítulo, que só é possível compreender o sujeito a partir da sua relação com outros sujeitos, com a natureza, a cultura, etc. É nesse contexto que ela discorre sobre o entendimento de Beauvoir sobre a compreensão da sociedade. Ademais, a obra *As inseparáveis*, ao reunir todos esses repertórios com imagens fotográficas, contando a história de duas mulheres que lutam por liberdade, relata também as experiências que embasaram toda essa inquietação da autora. A sua autonomia e sua oposição contra o patriarcado em um espaço ocupado por pessoas intelectuais e conservadoras. Beauvoir retrata em sua obra uma sociedade hipócrita que explora mulheres, seja por meio dos afazeres domésticos ou por meio da religião, subestimando e condenando-as a viverem uma vida que não escolheram para si. Ao se referir à fotografia do século XX, Brizuela (2014), afirma que:

[...] a fotografia, ao documentar a realidade, com os corpos, objetos e eventos que sucedem no mundo, é prova de que esse mundo, essa realidade, existe, e de que esses corpos e situações, são verídicos, postulando assim a fotografia como uma espécie de “polícia” da homogeneidade no mundo. (BRIZUELA, 2014, p. 15).

Sem dúvida, a fotografia é um registro de um acontecimento importante, há algum tempo as famílias fotografavam os filhos para colocar nos álbuns ou em quadros distribuídos pela casa. A fotografia ocupa esse lugar na memória da família. As fotos que compõem a obra são a prova de que o mundo onde Beauvoir e Zaza viveram era real e deixou muitas lembranças, testemunhando uma amizade perpétua, apesar da partida trágica da amiga. Barthes (1984) apresenta a fotografia e sua relação com a Morte:

Todos esses jovens fotógrafos que se movimentam no mundo, dedicando-se à captura da realidade, não sabem que são agentes da Morte. É o modo como nosso tempo assume a morte: sob o álibi denegador do perdidamente vivo, de que o Fotógrafo é de algum modo o profissional. Pois a Fotografia, historicamente, deve ter alguma relação com a “crise de morte” que começa na segunda metade do século XIX; de minha parte, preferiria que em vez de recolocar incessantemente o advento da Fotografia em seu contexto social e econômico, nos interrogássemos também sobre o vínculo antropológico da Morte e da nova imagem. Pois é preciso que a Morte, em uma sociedade esteja em algum lugar; se não está mais (ou está menos), no religioso, deve estar em outra parte: talvez nessa imagem que produz a Morte ao querer conservar a vida. (BARTHES, 1984, p.137,138).

De fato, Beauvoir escreveu sua autobiografia a fim de conservar a vida de Zaza, seja por culpa - “Simone de Beauvoir se sente culpada, porque em certo sentido sobreviver é uma culpa.” (2022, p.14) - ou para memorizar os momentos em que estiveram juntas. De acordo com Barthes (1984) é preciso que a Morte esteja em algum lugar e este lugar na escrita de Beauvoir era o religioso, mas poderia ser também esse desejo que a autora expressa de querer conservar, em sua obra literária, a vida de sua amiga de infância. Sendo assim, a segunda fotografia do livro exhibe a fachada da casa de Gagnepan em 1927. “Simone de Beauvoir se lembrava, com uma espécie de horror, de uma foto de família tirada em Gagnepan[...]”, cidade onde Simone de Beauvoir ficou hospedada duas vezes com Zaza. A casa era uma das residências da família Lacoïn em Landes. A outra residência da família era o castelo Haubardin, situado em Saint-Pandelon.

Ora, não há escândalo pior para Simone de Beauvoir, e é isso que a novela quer mostrar, um escândalo que pode ser qualificado de filosófico, pois atenta contra a condição humana. A afirmação do valor absoluto da subjetividade permanecerá no cerne de seu pensamento e de sua obra, não do indivíduo, simples número em relação a uma amostra, mas da individualidade única que faz de

cada um de nós “o mais insubstituível dos seres”, segundo expressão de Gide; a existência dessa consciência, aqui e agora. (BEAUVOIR, 2022, p.9,10).

Figura 3



Casa Bethary onde Simone e Zaza passavam longos períodos de férias.

Fonte: *As inseparáveis* (2022).

A escrita do livro *As inseparáveis* despertou em Beauvoir um sentimento de pertencimento à história de alguém com quem ela conviveu por um determinado período. A autora sempre lutou pela liberdade e igualdade e questionou o lugar que a mulher ocupava na sociedade, tornando-se estes os principais pilares para a formação do seu pensamento. Beauvoir possuía a habilidade de refletir profundamente sobre o cotidiano da vida, observando as falhas e injustiças sociais que passavam despercebidas pela maioria das pessoas. Não obstante, ainda na infância, dedicava-se aos estudos e aprendia os caminhos de uma boa menina católica. Segundo Kirkpatrick, Beauvoir, aos 11 anos, “ingressou em uma escola laica para crianças chamada Anjos da Paixão”. (Kirkpatrick, 2020, p.46). *As inseparáveis* traz um registro fotográfico de Simone, que data de 1915, quando a autora tinha sete anos, logo antes mesmo de conhecer Zaza. Segundo a autora, neste período, “ela compôs a personalidade que desejava apresentar ao mundo”.

“Passei por uma metamorfose definitiva e me tornei uma boa garotinha. Desde o começo, compus a personalidade que desejava apresentar ao mundo; isso me angariou muitos elogios e tantas grandes satisfações que acabei me identificando com a personagem que havia construído: era minha única realidade”. Mas ela irritava muitas colegas de classe: ela era uma sabichona com uma boa dose de mais-santa-que-você. (KIRKPATRICK, 2020, p.46).

Figura 4



Em 1915, Simone com 7 anos e um rosto emoldurado de cachos.

Fonte: As inseparáveis (2022).

Beauvoir enxergou nessa narrativa a oportunidade de lutar pelo espaço feminino para além da vida doméstica caso a mulher estivesse nesse papel por imposição da sociedade. As instituições religiosas e familiares por muito tempo tiveram esse poder de impor as regras à vida das mulheres, o que limita a construção da subjetividade das mulheres. Na obra “A mulher desiludida” (2021) Beauvoir narra três histórias de mulheres que estão envelhecendo e sofrem com a solidão e com as escolhas que fizeram. As narrativas dessa coletânea mostram como inúmeras mulheres só se sentem validadas se estiverem na companhia de um homem, ou seja, do outro. Mesmo quando o outro trai, a personagem continua a insistir em um casamento que não existe mais:

Ah! Eu era tão orgulhosa de nosso casamento: um casal modelo. Nós demonstrávamos que um amor pode durar sem diminuir. Quantas vezes me vi campeã da fidelidade integral! Em migalhas o casal exemplar! Sobre um marido que engana sua mulher e uma mulher abandonada a quem se mente... (BEAUVOIR, 2021, p.113)

Desse modo, a personagem Monique vive uma dependência emocional em relação ao esposo: “Ele me bastou, só vivi para ele. E ele, por um capricho, traiu nosso juramento! Dizia a mim mesma: exigirei que rompa, imediatamente...” (p.93). Mas Monique não tinha coragem de desfazer o casamento por causa de uma aventura do marido, ficava o tempo todo traçando estratégias para que ele continuasse com ela e não com a outra. Assim, a história de Zaza não é diferente,

do mesmo modo que a religião mantém pessoas confinadas em relações familiares autoritárias, a sociedade também exige que as mulheres mantenham um casamento apenas para mostrar que não estão sozinhas.

Figura 5



Em 1928, Zaza aparece em uma fotografia segurando um gato.

Fonte: As inseparáveis (2022).

Segundo Kossoy (2001) por meio da fotografia dialogamos com o passado, e, ao observar os retratos na obra “As inseparáveis”, a autora dialoga com o passado de cada um dos personagens, trazendo à memória a relevância de cada um deles. A fotografia de Zaza tirada um ano antes de sua morte, revela uma jovem sorridente. Por mais que a história do livro conte uma tragédia anunciada, Zaza consegue sorrir para a câmera. Para Kirkpatrick (2020, p.77) “Madame Lacoïn decidiu não permitir que Zaza voltasse para Sorbonne para o segundo ano porque sua filha mais velha era casada; e era a vez de Zaza”. Contudo, Zaza não poderia casar-se com Merleau Ponty, a quem amava, porque sua mãe não permitia e Zaza não podia desobedecê-la por medo de magoá-la.

Figura 6



Maurice Merleau Ponty, o amor de Zaza.

Fonte: Livro: *As inseparáveis* (2022).

De acordo com Kossoy (2001) “Através da fotografia aprendemos, recordamos, e sempre criamos novas realidades. [...] somos os interlocutores das memórias silenciosas que elas mantêm em suspensão. (p.147). Ao analisar as fotografias anexadas no livro “*As inseparáveis*”, é possível criar novas realidades para cada uma delas. A foto de Merleau-Ponty evoca a memória de um homem que foi muito amado por Zaza. Segundo Beauvoir (2022, p.66) “Ele havia estudado numa instituição religiosa, onde o pai era professor, e só amava os estudos e a família. Na época, minha única ideia era sair de minha casa, e me surpreendia ele se sentir tão bem na sua”. Todavia, ele tinha seus motivos para permanecer na casa de sua família. Seu dever como filho mais velho era mais importante que qualquer outra coisa, sentia-se responsável pelo pai e pela irmã.

A Fotografia transformava o sujeito em objeto, e até mesmo, se é possível falar assim, em objeto de museu: para fazer os primeiros retratos (em torno de 1840), era preciso submeter o sujeito a longas poses atrás de uma vidraça em pleno sol; tornar-se objeto, isso fazia sofrer como uma operação cirúrgica; inventou-se um aparelho, um apoio para a cabeça, espécie de prótese, invisível para a objetiva, que sustentava e mantinha o corpo em sua passagem para a imobilidade: esse apoio para a cabeça era o soco da estátua que eu ia tornar-me, o espartilho da minha essência imaginária. (BARTHES, 1984, p.26,27).

Barthes (1984) afirma que o processo de produção dos primeiros retratos não era algo fácil; havia uma preparação a fim de registrar determinado momento. Dentre as fotografias em “*As inseparáveis*” também há registros do edifício onde viveu a família de Simone, memórias que para a autora não foram muito boas, devido a situação de “semi-pobreza”. Em 1919, a família de Beauvoir mudou-se para o prédio da Rua Rennes, 71, onde moravam no quinto andar à esquerda. Na obra *Memórias de uma moça bem comportada* (2017), a autora descreve os momentos que viveu nesse lugar, seus pesadelos com um homem que a agredia eram recorrentes na nova casa. Vivenciar tudo isso fazia com que suas noites se tornassem angustiantes e suas manhãs insuportáveis.

No ano em que nos instalamos na Rua de Rennes, dormi mal. Teria

digerido mal as revelações de Madeleine? Somente um tabique separava agora minha cama da de meus pais e às vezes ouvia meu pai roncar: fui sensível a essa promiscuidade? Tive pesadelos. Um homem pulava em minha cama, enfiava-me o joelho no estômago, eu sufocava. Sonhava desesperadamente que acordava e novamente o peso do meu agressor esmagava-me. Mais ou menos nessa mesma época, levantar tornou-se um trauma tão doloroso que ao pensar nisso à noite, antes de adormecer, sentia um nó na garganta, minhas mãos ficavam suadas. (BEAUVOIR, 2017, p.93).

Figura 7



Prédio onde Beauvoir e sua família morou por 10 anos.

Fonte: As inseparáveis (2022).

Ao observar a fotografia do prédio e a descrição que a autora faz de cada momento vivido nesse lugar, observa-se, por meio de seus relatos, que a imagem conversa com uma realidade criada a partir de um olhar sombrio. Kossoy (2001, p.148) afirma que podemos imaginar um diálogo entre as imagens e com as imagens “Trata-se de um diálogo mudo, subliminar, sensível e inteligente, que, diante de uma foto ou de um conjunto de fotos, é gestado entre o nosso olhar e a nossa mente”. Sem dúvida, um retrato preto e branco de um prédio antigo remete a filmes de terror, os quais geralmente utilizam essas cores mais escuras para obter um efeito de mistério. Junto a essa sensação, cria-se um diálogo sensível entre o nosso olhar e a nossa mente, conforme mencionado por Kossoy.

Isso a Fotografia pode me dizer, muito melhor que os retratos pintados. Ela me permite ter acesso a um infra-saber; fornece-me uma coleção de objetos parciais e pode favorecer em mim um certo fetichismo: pois há um “eu” que gosta do saber, que sente a seu respeito como que um gosto amoroso. Do mesmo modo, gosto de certos traços biográficos que, na vida de um escritor, me encantam tanto quanto certas fotografias; chamei esses traços de “biografemas”; a Fotografia tem com a História a mesma relação que o biografema com a biografia. (BARTHES, 1984, p.51).

Figura 8



Simone e Sartre em um dos seus encontros em 1948.

Fonte: As inseparáveis (2022).

O retrato do casal, Simone e Sartre, sentado no bar traz os traços biográficos relatados por vários biógrafos de Beauvoir. A foto registra momentos de sua rotina com Sartre, uma pausa na vida agitada para um café, apesar de tantos compromissos a serem cumpridos. Esses traços biográficos são denominados por Barthes (1984, p.51) como biografemas, uma produção textual que enfatiza imagens, cenas, gestos e fragmentos textuais. Para o autor, isso o encantava tanto quanto as fotografias, pois é possível produzir sensações a partir das observações dos retratos, “a Fotografia tem com a História a mesma relação que o biografema com a biografia”. O narrar a História a respeito da fotografia, as recordações de uma vida registrada em determinado momento, faz com que esse “eu” saboreie esse instante com gosto amoroso.

O biografema como aquilo que se consegue escrever ao <do> autor o qual se lê e se ama, que leva o biógrafo a reencontrar uma tenuidade da lembrança. Uma lembrança que não convoca a memória pregressa, mas que a atualiza nestes encontros entre aquele que escreve e aquele sobre o qual <apaixonadamente> se deixa escrever. Escrita. Testemunho daquilo que faz corpo entre o escritor-leitor e seu autor amado. (COSTA, 2010, p.108).

Entre viagens e encontros, Beauvoir ainda e sempre, trabalha. Sartre era quem lhe aconselhava sobre seus escritos. Ela queria escrever algo, mas não tinha certeza do que colocar exatamente no papel. Após sua conversa com Sartre sobre a forma como foi educada, Beauvoir argumenta: “este mundo era um mundo

masculino, minha infância fora nutrida de mitos forjados pelos homens(...) abandonei o projeto de uma confissão pessoal para me ocupar de uma condição feminina em sua generalidade” (Bouchardeau, 2021, p.160,161). A partir do verão de 1948, ela encontra seu ritmo para preparação e conclusão de *O segundo sexo*:

Ao analisar a história, Beauvoir viu que os seres humanos têm o hábito de observar o corpo dos outros e criar castas; que poderiam, às vezes, ser castas de escravos, com base em suas características físicas. Ninguém duvidava que esse fosse o caso no que diz respeito à raça; mas, perguntava Beauvoir, e quanto ao sexo? Ela argumentava que os homens definiam as mulheres como “Outro” e as relegavam ao status de uma casta diferente: o segundo sexo. (KIRKPATRICK, 2020, p.228).

Dentre as obras autobiográficas escritas por Beauvoir, *A força da idade* (2018) merece destaque. A obra relata os momentos que marcaram a juventude da autora. Com 21 anos, Beauvoir morava em Paris onde iniciou sua vida profissional como professora. Sartre também volta a Paris nesse período e ambos discutem sobre as teorias dele, mas não deixam de frequentar o teatro e juntos têm o primeiro contato com o cinema sonoro. O ideal de vida de Beauvoir era a escrita e sua “liberdade de vida era a única regra”. (p.40). De acordo com Kirkpatrick (2021) foi na segunda-feira, 14 de outubro, nos jardins de Luxemburgo, que Sartre e Beauvoir definiriam os rumos sobre seu relacionamento aberto, “um contrato de dois anos, sem abandonar os outros”.

Em *A força da idade*, Beauvoir escreveu que ela e Sartre, nos primeiros dias de seu relacionamento, sucumbiram ao “orgulho espiritual”. Eles achavam que eram “radicalmente livres”, mas de fato, eram vítimas de várias ilusões. Não reconheciam nenhuma obrigação emocional para com os outros. Consideravam-se razão e vontade puras, deixando de reconhecer como eram dependentes dos outros e como haviam vivido protegidos das adversidades do mundo. (KIRKPATRICK, 2021, p.103).

Entretanto, na semana seguinte ao acordo sobre a forma que conduziriam o relacionamento, Beauvoir continuava tendo dúvidas; “ela estava desanimada e arrependida de sua escolha, mas conseguiu esconder dele sua tristeza antes de Sartre partir, e caiu em prantos”. (p.103). Em 1929, Beauvoir já sabia que, em um relacionamento, “as pessoas precisam decidir juntas a natureza dos seus acordos”, e mesmo assim, anos depois foi criticada e elogiada pela forma como o casal conduzia a relação. Sendo assim, a escrita autobiográfica de Simone de Beauvoir, com todas as cartas e fotografias, revela que ela foi

uma mulher que lutou por aquilo que acreditava. Cada carta e cada fotografia apresenta detalhes memoráveis de uma vida que refletia seus sentimentos, suas amizades e seus pensamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita autobiográfica da autora Simone de Beauvoir aborda diferentes etapas de sua vida relacionando a vida pública com a vida privada da autora. *Memórias de uma moça bem-comportada* (1958), *A força da idade* (1960), *A força das coisas* (1963), *Uma morte muito suave* (1964), *Balanço final* (1972) e *As inseparáveis* (2020). Todavia, nem tudo que a autora escreveu foi publicado, muitos documentos íntimos como diários e cartas foram preservados. Não é possível saber se Beauvoir gostaria ou não que *As inseparáveis* fosse publicado, mas é possível inferir que sim, já que alguns depoimentos da autora nos permitem pensar dessa forma. Em *Por uma moral da ambiguidade*, a autora afirma que para sermos eticamente livres, devemos aceitar os laços que nos prendem aos outros, pois “todo ser humano deseja que sua vida seja verdadeiramente vista e que seja importante não apenas porque é uma vida, mas porque é sua vida” (p.221). Beauvoir buscou construir uma identidade enquanto narrava sua existência, “um sujeito condenado a ser livre”, decidindo sua existência conforme as circunstâncias que a vida ia lhe proporcionando. Desse modo, a identidade do sujeito é construída, muitas vezes, histórica e socialmente, por meio do discurso, isto é, uma trajetória concebida a partir da sua percepção. Beauvoir não conseguiu publicar a novela em vida, mas deixou um legado memorialístico para que o leitor conhecesse a história dessa amizade. A liberdade defendida por Beauvoir não era vivida por muitas mulheres naquela época. A maior parte delas não estudava, não tinha acesso ao conhecimento, vivia para satisfazer os desejos de uma sociedade hipócrita. Assim, a pesquisa alcançou resultados relevantes ao analisar as cartas e as fotografias do livro *As inseparáveis*. Por meio das cartas, os laços de amor e amizade entre as protagonistas do livro foram ficando mais estreitos; Sylvie vivera esse amor de forma genuína. Confidenciavam seus maiores medos e eram cúmplices em quase tudo o que faziam. Por meio das fotografias, o livro apresenta os registros da vivência da autora com outras personagens/personalidades que compõem o livro. O momento

em que a família se reunia para ser fotografada era um evento único naquela época. Por intermédio da fotografia, é possível ressignificar uma memória autobiográfica. Observa-se que, nas fotografias escolhidas para composição da obra, o presente evoca o passado. É como se, de alguma forma, ao observar uma fotografia, as informações do que passou justificassem o momento presente. Esse eu que escreve essas memórias sempre precisa encontrar outros modos de dizer eu, reconhecendo assim os elos que o envolve aos outros. Em síntese, esta dissertação faz parte da realização de um sonho de poder cursar o mestrado em uma instituição pública e aprender, por meio da pesquisa acadêmica, sobre a vida das autoras, suas vivências e o modo como retratavam isso na escrita, influenciando a vida de muitos leitores e leitoras. Em um futuro próximo, pretendo lecionar literatura e gostaria de trabalhar essa temática com meus alunos: mostrar a eles que é possível estudar a literatura, relacionando-a aos fatos cotidianos. Aprendi que é possível fazer do conhecimento um lugar de acolhimento por meio de estudos que viabilizem um aprendizado prático como o uso das cartas. Acredito que essa seja uma maneira de estimular a leitura e, ao mesmo tempo, compreender a importância da literatura.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Aline e SANTOS, André Leonardo Copetti. Movimento, teoria e institucionalização feminista na Primeira Onda de protagonismo político das mulheres. *Revista Justiça do Direito*, Universidade de Passo Fundo, RS, v.34, n.1, p.131-157, Jan/abr.2020. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rjd/article/download/11169/114115299/15301592> Acesso em: 25 ago. 2023.
- AGAMBEN, Giorgio. *Ideia da prosa*. Trad. João Barrento. Cotovia, Lda, Lisboa. Disponível em: https://www.academia.edu/9621316/Ideia_da_Prosa Acesso em: 05 abr. 2024.
- ANDERSON, Abigail; CHILCZUK, Sophia; NELSON Kaylie; RUTHER Roxanne; WALL- SCHEFFLER Cara, 2023. The Myth of Man the Hunter: Women's contribution to the hunt across ethnographic contexts. *PLoS ONE* 18(6): e0287101. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0287101> Acesso em: 01 nov.2023.
- ANDRADE, Larissa Carolina de. As inseparáveis, de Simone de Beauvoir: (não) ser como efeito do dizer. *Revista Água viva*. Brasília, v.7, n.3, nov.dez.2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/aquaviva/article/download/45008/37827/161725> Acesso em: 02 fev.2024.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Tradução Júlio Castañon Guimarães.

Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1984. Disponível em:
https://monoskop.org/images/d/d3/Barthes_Roland_A_camara_clara_Nota_sobre_a_fotografia.pdf Acesso em: 10 set.2022.

BAZERMAN, Charles. Gêneros textuais, tipificação e interação. Angela Paiva Dionisio (Organizadora), Judith Chambliss Hofnagel (Organizadora); Tradução Judith Chambliss Hoffnagel. 2.ed. Recife: Pipa Comunicação, Campina Grande: EDUFPG, 2020. Disponível em:
<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/29609/1/G%C3%8ANEROS%20TEXTUAIS%2C%20TIPIFICA%C3%87%C3%83O%20E%20INTERA%C3%87%C3%83O%20-%20E-BOOK%20EDUFPG%202021.pdf> Acesso em: 08 set.2023.

BEAUVOIR, Simone de. A Força da Idade. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BEAUVOIR, Simone de. As inseparáveis. Tradução Ivone Benedetti. Rio de Janeiro: Record, 2022.

BEAUVOIR, Simone de. A velhice. Tradução Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BEAUVOIR, Simone de. Memórias de uma moça bem comportada. Tradução Sérgio Millet. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

BEAUVOIR, Simone. O Segundo sexo – fatos e mitos. Tradução Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

BEAUVOIR, Simone. O Segundo Sexo – a experiência vivida. Tradução Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

BEAUVOIR, Simone. Por uma moral da ambiguidade. Tradução M.J. de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. A mulher desiludida. Tradução Helena Silveira, Maryan A. Bon Barbosa. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

BRIZUELA, Natália. Depois da fotografia: uma literatura fora de si. Tradução Carlos Nogueira. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

BENJAMIN, Walter. 1994. Pequena história da fotografia. Tradução Sergio P. Rouanet. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense. [1931]. Disponível em: https://www.academia.edu/40417062/Pequena_historia_da_fotografia_Benjamin Acesso em: 14 jun. 2024.

BOUCHARDEAU, Huguette. Simone de Beauvoir: a biografia. Tradução Caio Liudvik. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

CALADO, Eliana Alda de Freitas. Autobiografias de Simone de Beauvoir: sujeito, identidade, alteridade. 2012. Tese (Doutorado em História) - Universidade de

Brasília, Brasília, 2012. Disponível em:
https://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/10823/1/2012_ElianaAldadeFreitaCala.do.pdf Acesso em: 11 jun.2023.

CAMPOS, Rogério Schmidt. Fotografia e alteridade: os limites da linguagem na experiência etnográfica. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Ciências Sociais. Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em:
http://www.dan2.unb.br/images/doc/Dissertacao_252.pdf Acesso em: 15 maio 2024.

CAUBET, Rosa Alice. Simone de Beauvoir: a grande dama do feminismo. Ilha do desterro: Revista de Língua Inglesa, literaturas em inglês e estudos culturais, Florianópolis, n.14,1985. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/11706>
 Acesso em: 15 mar. 2022.

DERRIDA, Jacques. Adeus a Emmanuel Lévinas. Tradução Fábio Landa com a colaboração de Eva Landa. São Paulo: Perspectiva, 2008. Disponível em: <https://farofafilosofica.blog/2018/03/06/jacques-derrida-12-livros-para-download-em-pdf/> Acesso em: 01 nov.2025.

DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta - Constância Lima Duarte. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. Disponível em:
http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select_action=&co_obra=205214&co_midia=2 Acesso em: 17 out.2023.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. Estudos Avançados, São Paulo, Brasil, v. 17, n. 49, p. 151–172, 2003. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9950> Acesso em: 27 jul.2022.

Editora Albatroz. A importância de uma boa capa do livro. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://editoraalbatroz.com.br/importancia-de-uma-boja-capa-para-um-livro/> Acesso em: 02 jun.2023.

FERNOCHI, Letícia. Moda e ensino de História: A Primeira Guerra mundial por meio do jornal das moças. 2021. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2021. Disponível em:
<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/701003/2/Leti%CC%81ciaFERNOCHIPROFISTORIAUEM.pdf> Acesso em: 16 nov.2024.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992.p. 129-160. Disponível em:
<https://casadohiphopdeportofeliz.files.wordpress.com/2015/10/foucault-michel-a-escrita-de-si.pdf> Acesso em: 18 maio 2022.

FRANCIS, C., GONTIER, F. Simone de Beauvoir. Trad. Oswaldo Barreto e Silva. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

GUIMARÃES, Maira. O pensamento existencialista no romance A CONVIDADA, de

Simone de Beauvoir. Revista Versalete, Curitiba, v.5, n.8, jan-jun.2017. Disponível em: <http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol5-08/11.O%20pensamento%20existencialista.%20Maira%20Guimar%C3%A3es.pdf> Acesso em: 05 mar.2024.

GOETTERT, J. D. ARFUCH, Leonor. 2010. O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea. **GEOgraphia**, v. 11, n. 22, p. 157-161, 8 fev. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2009.v11i22.a13587> Acesso em: 21 nov.2022.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Disponível em: <https://campodiscursivo.paginas.ufsc.br/files/2020/04/Explosão-Feminista-H.-Buarque-de-Hollanda.pdf> Acesso em: 01 nov. 2025

KIRKPATRICK, Kate. Simone de Beauvoir-uma vida. Tradução de Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.

KOSSOY, Boris. Fotografia & História. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, Boris. Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet. Tradução Jovita Maria Gerhein Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MOLON, N. D.; VIANNA, R. O Círculo de Bakhtin e a Linguística Aplicada. Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso, [S. l.], v. 7, n. 2, p. Port. 142–165 / Eng. 142, 2012. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/9890>. Acesso em: 15 fev. 2023.

ROSO, Adriane; CASTRO, Vanessa Soares de; GONÇALVES, Camila dos Santos. Conflitos e mediações: alteridade no contexto do feminismo estudantil. Cadernos de Pesquisa 52: Educação Superior, Profissões, Trabalho. São Paulo. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053148539> Acesso em: 22 set. 2023.

SILVA, Adriana Ferreira. Filha de Simone de Beauvoir, Sylvie Le Bon lembra o cotidiano ao lado da escritora. Revista Marie Claire. 2023. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/retratos/noticia/2023/04/filha-de-simone-de-beauvoir-sylvie-le-bon-lembra-o-cotidiano-ao-lado-da-escritora.ghtml> Acesso em: 20 jan.2024.

SOBOTA, Guilherme. Chefe do departamento de Design da Record, Leonardo Iaccarino acumula prêmios nacionais e internacionais. PublishNews, Paraty, RJ. 2024. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2024/01/11/chefe-do-departamento-de-design-da-record-leonardo-iaccarino-acumula-premios-nacionais-e-internacionais> Acesso em: 22 ago.2024

APÊNDICE

Publicações de Simone de

Beauvoir: Textos filosóficos

- ❖ Por uma Moral da Ambiguidade (1947)
- ❖ O Segundo Sexo (1949)
- ❖ Privilégios (1955)
- ❖ O pensamento da direita, hoje (1955)
- ❖ A Longa Marcha (1957)
- ❖ A Velhice (1970)

Romances

- ❖ A convidada (1943)
- ❖ O sangue dos outros (1945)
- ❖ Todos os homens são mortais (1946)
- ❖ Os mandarins (1954)
- ❖ As belas imagens (1966)
- ❖ A mulher desiludida (1967)
- ❖ Quando o espiritual domina (1979)

Teatro

- ❖ As bocas inúteis (1945)

Autobiografia

- ❖ Memórias de uma moça bem-comportada (1958)
- ❖ A força da idade (1960)
- ❖ A força das coisas (1963)
- ❖ Uma morte muito suave (1964)
- ❖ Balanço final (1972)
- ❖ As inseparáveis (2022)

Biografia

- ❖ A cerimônia do adeus (1981)